

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
HABILITAÇÃO JORNALISMO

LÍVIA GUILHERMANO DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DO PROGRAMA FANTÁSTICO SOBRE O
COMPORTAMENTO AMBIENTAL DAS POPULAÇÕES DE 8 PAÍSES:**
inovação, esbanjamento, sobrevivência e trabalho

Porto Alegre

2013

LÍVIA GUILHERMANO DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DO PROGRAMA FANTÁSTICO SOBRE O
COMPORTAMENTO AMBIENTAL DAS POPULAÇÕES DE 8 PAÍSES:**
inovação, esbanjamento, sobrevivência e trabalho

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharel em Comunicação Social –
Habilitação Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Sean Hagen

Porto Alegre

2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Cursos) intitulado A construção de sentidos sobre o comportamento ambiental das populações de 8 países: inovação, esbanjamento, sobrevivência e trabalho, de autoria de Lívia Guilhermano da Silva, estudante do curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo, desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, 21 de junho de 2013

Assinatura:

Nome completo do **orientador**: Sean Aquere Hagen

LÍVIA GUILHERMANO DA SILVA

**A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DO PROGRAMA FANTÁSTICO SOBRE O
COMPORTAMENTO AMBIENTAL DAS POPULAÇÕES DE 8 PAÍSES:**
inovação, esbanjamento, sobrevivência e trabalho

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharel em Comunicação Social –
Habilitação Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Sean Hagen

Conceito Final:

Aprovado em: julho de 2013

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Marcia Benetti Machado

Prof.^a Dr.^a Ilza Maria Tourinho Girardi

Orientador - Prof. Dr. Sean Hagen

*Tenho dois filhos, quero ter netos e desejo que eles
vivam em tempos de paz e prosperidade.*

Sônia Bridi

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à minha mãe, Marli Guilhermano, por todo o suporte durante a realização deste trabalho, mas também por me ensinar a ver a beleza nas pequenas coisas da vida. Aprender a dar valor ao canto dos passarinhos ou ao barulho do vento nas árvores com certeza foi fundamental para a minha formação pessoal e profissional.

Agradeço ao meu pai, Elias Castro e às minhas irmãs Fabiana e Karina por acreditarem em mim sempre e pela amizade, essencial na minha vida. Ao meu sobrinho, Henrique, fonte de alegria para mim.

Agradeço também a João Vicente Ribas pelos apontamentos que contribuíram muito para o crescimento deste trabalho mas, acima de tudo, pelo carinho, pela paciência, e por me dar motivos para sorrir, sempre.

Aos meus amigos, por sempre me lembrarem do lado bom da vida.

Agradeço ao meu orientador, Sean Hagen, que acreditou no meu potencial e abraçou comigo a ideia deste trabalho, trazendo considerações, ensinamentos e apoio.

E, por fim, à FABICO, que foi uma segunda casa nesses cinco anos, da qual sentirei muita falta.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a investigação dos sentidos construídos pelo programa Fantástico, da Rede Globo, sobre a posição de oito países diante da questão ambiental. O objeto de análise desta pesquisa é a série de seis reportagens Planeta Terra: Lotação Esgotada, de Sônia Bridi e Paulo Zero, exibida entre 20 de maio e 24 de junho de 2012. As reportagens procuram responder à questão: quantas pessoas a Terra pode sustentar? Para analisar o discurso do programa, esta pesquisa se apoiou na teoria construcionista, que considera o jornalismo como agente social ativo na construção da realidade. Através da utilização da metodologia da análise de discurso, este estudo encontrou quatro formações discursivas, que categorizam cada população conforme as suas atitudes diante do cenário de escassez dos recursos naturais: chineses são inovadores; estadunidenses são esbanjadores; ruandeses, quenianos, angolanos, indianos e indonésios são sobreviventes; brasileiros são trabalhadores.

Palavras-chave: Telejornalismo. Jornalismo ambiental. Sentidos. Discurso. Fantástico.

ABSTRACT

This paper aims to investigate the sense produced by Reed Globe's TV program Fantastico about the place of eight countries facing the environmental issue. This research analyses Sonia Bride and Paulo Zero's TV series Planet Terra: Lotação Esgotada, broadcasted from May 20th to June 24th of 2012. The purpose of this TV series is to answer the question: how many people will the Earth tolerate? The analysis is based on the Constructivism Paradigm, that considers journalism as an instrument that contributes to the social construction of reality. By using the methodology of Discourse Analysis, this paper has found four discursive categories that represent the different populations according to their acts in the current scenario that shows the decreasing stocks of natural resources: Chinese are innovative; North Americans are lavish; Rwandans, Kenyans, Angolans, Indians and Indonesians are survivors; Brazilians are workers.

Keywords: Broadcast journalism. Environmental Journalism. Sense. Discourse. Fantastico.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 JORNALISMO E CONSTRUÇÃO DA REALIDADE.....	13
2.1 O discurso jornalístico.....	15
2.2 Teoria Construcionista.....	16
2.3 Televisão.....	19
2.4 Telejornalismo.....	23
2.5 Jornalismo ambiental.....	27
3 ANÁLISE.....	32
3.1 Metodologia: Análise de discurso.....	32
3.2 Programa Fantástico.....	35
3.3 Sônia Bridi.....	36
3.4 <i>Corpus</i>	38
3.5 Formação de sentidos.....	41
3.5.1 Chineses, os inovadores.....	41
3.5.2 Estadunidenses, os esbanjadores.....	45
3.5.3 Ruandeses, quenianos, angolanos, indianos e indonésios, os sobreviventes....	49
3.5.4 Brasileiros, os trabalhadores.....	55
4 CONCLUSÃO.....	62
REFERÊNCIAS.....	67
ANEXO 1.....	70
ANEXO 2.....	72

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo tem o importante papel de mediador entre sociedade e construção de conhecimento sobre o mundo. Ao retratar a realidade social e propor debates, o jornalista possibilita o acesso dos cidadãos às informações necessárias para a modificação ou manutenção do espaço público, fortalecendo a democracia. O jornalismo encontra na televisão um espaço de aproximação com a audiência. Os canais abertos possibilitam a união de diferentes partes da população em torno do mesmo conteúdo jornalístico, levando ao público visões sobre os diversos aspectos do cotidiano. Além disso, o discurso jornalístico é enriquecido com as possibilidades técnicas do audiovisual, que permitem um maior envolvimento entre indivíduo e realidade social.

O programa Fantástico, da Rede Globo, tem um lugar de destaque na programação dominical da televisão brasileira. A principal proposta do programa é unir jornalismo e entretenimento, abordando uma multiplicidade de temas em cada edição. Nesse espaço de informação e lazer, há também o investimento na grande reportagem. A construção de séries de reportagens exige recursos e tempo de produção, pois esse formato jornalístico tem como objetivo o aprofundamento e a reflexão dos assuntos tratados.

O presente trabalho pretende analisar o discurso socioambiental no programa Fantástico, dentro do formato da grande reportagem. O objeto de estudo é a série Planeta Terra: Lotação Esgotada, composta por seis reportagens, exibidas entre 20 de maio e 24 de junho de 2012. Sônia Bridi e Paulo Zero viajaram a oito países, em cinco continentes, para investigar a questão: quantas pessoas a Terra pode sustentar? Este trabalho trata das duas dimensões apresentadas na questão central da série: sociedade e meio ambiente.

Considero a grande reportagem em telejornalismo um importante instrumento de representação da realidade e de construção de sentidos, atuando diretamente na formulação da visão de mundo dos indivíduos. Além disso, penso que o meio ambiente é um tema essencial no jornalismo, pois afeta os diferentes âmbitos da vida: a política, a economia, a cultura e o desenvolvimento social. Além disso, diz respeito às atitudes individuais e coletivas, mostrando que para conquistar prosperidade é preciso buscar a harmonia entre natureza e seres humanos. A grande reportagem permite a abordagem

dos assuntos com maior contextualização e, por isso, é o formato ideal para tratar dos diversos aspectos que envolvem o meio ambiente. O jornalismo ambiental, quando realizado com qualidade e aprofundamento, possibilita a tomada de consciência do cidadão do seu potencial de agente ativo na construção de uma sociedade sustentável.

Por mais que seja visível uma ampliação do debate ambiental nas últimas décadas pela mídia e sociedade civil, ainda é restrito o espaço nos meios para a cobertura do tema. Tomando a Rede Globo como exemplo, a emissora de maior abrangência no Brasil, as pautas ambientais dentro do formato da grande reportagem são comumente tratadas no programa Globo Repórter com o viés do exotismo da natureza. Essas reportagens se propõem a mostrar aos telespectadores as curiosidades sobre a vida dos animais no ambiente selvagem ou as maravilhas da natureza. Já no jornalismo diário, geralmente são apresentadas questões pontuais, como protestos de parte da sociedade e de ambientalistas ou infrações às leis de proteção, mantendo-se restritas os fatos, sem maior aprofundamento ou contextualização. Os programas Globo Ecologia, Globo Universidades e Globo Rural também abordam o assunto, porém não ganham grande destaque na programação da emissora. A busca por soluções ambientais é tratada com maior ênfase nos meios de comunicação durante as conferências mundiais que reúnem líderes de países-membros da ONU. Entretanto, além desses encontros não serem periódicos, a cobertura da questão política envolvendo a reunião dos países, muitas vezes, se sobrepõe ao debate ambiental. Por isso, considero importante o espaço no telejornalismo dedicado à produção de reportagens de qualidade que tratem tanto do meio ambiente quanto da realidade social.

A minha aproximação com o telejornalismo foi a motivação para a escolha da televisão como suporte de análise. O meu primeiro contato profissional com o jornalismo foi em uma emissora de televisão, antes mesmo do início da minha trajetória acadêmica. Atualmente, trabalho em um telejornal diário e, portanto, o esforço de aliar o conteúdo jornalístico às especificidades do meio em busca da melhor forma de informar faz parte do meu cotidiano. As singularidades da televisão que permitem a representação do mundo através das imagens, do som, da palavra, das escolhas de edição e, até mesmo, do silêncio, sempre me desafiaram e motivaram a realização deste trabalho.

A série Planeta Terra: Lotação Esgotada propõe uma questão relevante que põe em xeque o futuro do planeta: já que a população mundial só aumenta, como a oferta de recursos naturais vai atender à demanda? A fim de encontrar respostas, os repórteres

viajam aos cinco países mais populosos do mundo e também a três países da África, o continente que mais cresce em número de habitantes. A proposta da série vai ao encontro do meu interesse de estudar as relações em sociedade e não apenas o meio ambiente de forma isolada.

O objetivo geral da pesquisa é identificar os sentidos produzidos pela série *Planeta Terra: Lotação Esgotada*, do *Fantástico*, sobre ações ambientais em oito países – China, Índia, Estados Unidos, Indonésia, Brasil, Ruanda, Quênia e Angola. Os objetivos específicos são a) compreender o discurso presente em textos, sons, edições e posições da repórter sobre as populações dos países representados; b) identificar se a série cumpre a função de construir conhecimento sobre sociedade e meio ambiente de forma contextualizada e aprofundada, função primordial da grande reportagem.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos, começando pela introdução. O segundo capítulo consiste na revisão teórica da pesquisa. Primeiramente, o campo jornalístico é apresentado como espaço de produção de sentidos sobre o mundo. A pesquisa é embasada na teoria construcionista, que confere ao jornalista um papel ativo na construção da realidade social. O capítulo trata também sobre as especificidades da televisão enquanto meio propulsor da atividade jornalística. A televisão assume um complexo espaço de produção de notícias e formação de visões de mundo. Através dos discursos auditivo e visual, o telejornalismo pretende envolver o público, enquanto cumpre o seu papel de informar.

Ao final do segundo capítulo, o jornalismo ambiental é abordado a partir da crescente tomada de consciência sobre a finitude dos recursos naturais. Nesta parte, é apresentado um panorama das propostas do jornalismo na área. O campo do jornalismo ambiental e o conceito de cidadania são aproximados, em um esforço de compreender a importância da discussão de ações políticas, individuais e coletivas que visem o futuro da vida em sociedade.

O capítulo três compreende a análise do trabalho: a exposição da metodologia e do corpus, além da apresentação das categorias discursivas encontradas. A análise de discurso de linha francesa possibilita a identificação de sentidos na série, pois afirma que a linguagem é determinada pela ideologia e, portanto, não pode ser neutra. A apresentação do programa *Fantástico* e da vida da repórter Sônia Bridi pretende situar o objeto de análise deste trabalho – a série *Planeta Terra: Lotação Esgotada*. Após, são apresentadas as quatro formações discursivas encontradas na análise. Esta parte pretende exemplificar as categorias presentes no discurso da série sobre as populações:

chineses são inovadores; estadunidenses são esbanjadores; ruandeses, quenianos, angolanos, indianos e indonésios são sobreviventes; brasileiros são trabalhadores.

Por fim, no quarto capítulo são apresentadas as conclusões desta pesquisa acerca das formações discursivas que compõem a análise. Além disso, esta parte final tem também o papel de reflexão sobre os erros e acertos das reportagens na formação de conhecimento do público sobre a realidade social e ambiental do planeta. As referências e os anexos completam a pesquisa.

2 JORNALISMO E CONSTRUÇÃO DA REALIDADE

O jornalismo atua na representação da realidade social do mundo, enquanto participa da sua construção. Através do discurso jornalístico, os diversos e dispersos aspectos da vida cotidiana ganham significação e são organizados de forma que passam a fazer sentido aos indivíduos das sociedades contemporâneas.

Eduardo Meditsch (1997, p. 3) afirma que o jornalismo é uma forma de conhecimento que produz não só o seu próprio discurso a respeito da realidade, mas também reproduz o conhecimento formado por outras instituições sociais. Assim, o autor propõe que o jornalismo é responsável pela produção e reprodução do conhecimento, ao invés de ser apenas transmissor, uma vez que age no processo de cognição social. O jornalista é mais do que apenas um relator dos acontecimentos. É um importante agente social que contribui para a formação de conhecimento sobre a realidade.

O discurso jornalístico é dotado de sentidos pelos quais a sociedade adquire conhecimento sobre os fatos do mundo. Para entender de que forma o jornalismo atua na vida das pessoas, é relevante o estudo da *sociologia do conhecimento*. O termo utilizado por Peter Berger e Thomas Luckmann (2008) designa o processo pelo qual as pessoas dão sentido à realidade em que vivem no momento em que interagem com os outros na sociedade. Para os autores, “a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente” (BERGER; LUCKMANN, 2008, p. 35).

Desde que nascem, as pessoas aprendem a reconhecer a vida cotidiana. Conforme se relacionam umas com as outras, elas apreendem os significados dos elementos desta realidade. “A realidade da vida cotidiana aparece já objetivada, isto é, constituída por uma ordem de objetos que foram designados *como* objetos antes da *minha* entrada em cena” (BERGER; LUCKMANN, 2008, p. 38).

É através da linguagem que os homens conseguem objetivar os elementos constitutivos da realidade cotidiana. “A linguagem marca as coordenadas de minha vida em sociedade e enche esta vida de objetos dotados de significação” (BERGER; LUCKMANN, 2008, p. 38). A linguagem é a substância primeira do discurso jornalístico. O jornalismo é produtor de conhecimento da realidade por meio de objetivações de fatos do mundo.

Segundo Berger e Luckmann, a realidade da vida cotidiana contém esquemas tipificadores através dos quais os indivíduos reconhecem os outros. “Assim, apreendo o outro como ‘homem’, ‘europeu’, ‘comprador’, ‘tipo jovial’, etc. Todas essas tipificações afetam continuamente minha interação com o outro” (BERGER; LUCKMANN, 2008, p. 48). A linguagem possibilita também a tipificação de experiências, fazendo com que, ao serem transmitidas, façam sentido também aos indivíduos que não as vivenciaram.

O jornalismo trabalha com tipificações no momento em que procura aproximar as pessoas da realidade cotidiana. Deve-se considerar que, apesar de especializado, o conteúdo jornalístico se relaciona com o senso comum, ou seja, ao conhecimento que é partilhado entre os homens “nas rotinas normais, evidentes da vida cotidiana” (MEDITSCH, 1997, p. 6).

É preciso observar, no entanto, que o jornalismo possui limitações enquanto forma de construção do conhecimento sobre a realidade. “Por um lado, o jornalismo como forma de conhecimento é capaz de revelar aspectos da realidade que escapam à metodologia das ciências; [...] por outro, é incapaz de explicar por si mesmo a realidade que se propõe a revelar” (MEDITSCH, 1997, p. 9).

São diversos os aspectos que envolvem a profissão e que limitam o jornalismo enquanto forma de conhecimento. A falta de transparência diante do público sobre o processo de produção é um deles. As notícias são apresentadas como retrato fiel dos fatos, ao invés de chegarem ao público como versão da realidade. Além disso, a velocidade de produção impossibilita, na maioria das vezes, o aprofundamento das notícias, de forma que esse papel de contextualização e reflexão dos assuntos se restringe ao formato da grande reportagem. Meditsch (1997) ainda cita a espetacularização como outro aspecto problemático para o jornalismo como fonte de conhecimento. Os jornalistas utilizam técnicas narrativas e dramáticas a fim de tornar o produto mais atrativo. Isso se dá, principalmente, devido a interesses comerciais, para atrair maior audiência e retorno financeiro para as empresas.

Apesar das limitações, é inegável que o jornalismo é um meio essencial de apreensão da realidade e de participação para os indivíduos nas sociedades contemporâneas. Nelson Traquina (2002) assinala que o jornalismo cumpre importantes papéis sociais e que os meios de comunicação têm a função de “mercado de ideias”, em que diferentes opiniões da sociedade podem ser ouvidas e discutidas. O jornalismo “deve ser um veículo de informação para equipar os cidadãos com os instrumentos

vitais para o exercício dos seus direitos e a voz das suas preocupações” (TRAQUINA, 2002, p. 133).

2.1 O discurso jornalístico

O produto jornalístico é plural – já que admite em um mesmo relato pontos de vista diferentes. Constitui também um permanente diálogo entre os diferentes interlocutores – jornalistas, público e sociedade. É um produto tanto individual quanto coletivo e, desta forma, carrega a subjetividade dos autores. Além disso, é um produto passível de circulação com base no uso público.

A realidade retratada no discurso jornalístico é construída através da subjetividade dos agentes produtores. “Cada um é moldado por suas próprias crenças religiosas, suas ideologias políticas, suas identificações étnicas e culturais, sua preferência sexual, e não há como fugir a isso” (BUCCI, 2000b, p. 90).

Considerando que o jornalismo é uma importante forma de apreensão da realidade social pelo público, é imprescindível que a atividade jornalística seja indissociável de determinados valores. O jornalismo cumpre um papel social de produzir uma “reconstrução discursiva do mundo” para um público amplo, disperso e diferenciado (FRANCISCATO, 2005, p. 167). Esse papel social consiste na constante avaliação ética na escolha e na produção dos conteúdos jornalísticos.

Para Eugênio Bucci (2000b), a ética na imprensa é uma exigência para a constituição da democracia. É preciso lembrar que o jornalismo existe exclusivamente para servir ao cidadão. Assim, o mercado deve ser uma consequência e não a razão de ser da imprensa.

Entretanto, as pressões do mercado, bem como as demandas organizacionais, são fatores que são considerados pelo jornalista na construção do seu discurso. Muitas vezes, o olhar da empresa de comunicação é apreendido nas rotinas de produção e incorporado pelo profissional. O discurso é, então, uma construção que obedece à lógica da empresa e do mercado e, ao mesmo tempo, à própria bagagem cultural e social do jornalista.

Além do aspecto empresarial, é preciso observar que o discurso jornalístico está sempre inserido em um contexto de produção.

Como toda a forma de conhecimento, aquela que é produzida pelo jornalismo será sempre condicionada histórica e culturalmente por seu contexto e subjetivamente por aqueles que participam desta produção. Estará também condicionada pela maneira particular como é produzida. (MEDITSCH, 1997, p. 9)

O contexto atua na forma de narrar do jornalismo, na medida em que molda os anseios do público, bem como das empresas de comunicação e dos jornalistas. As experiências adquiridas com acontecimentos históricos e com o passado da própria mídia também atuam no contexto de produção do jornalismo. Além disso, a realidade social que é construída pelo jornalismo, ao mesmo tempo, é um elemento determinante para a sua construção.

A manipulação do sistema democrático, a disparidade crescente entre o topo e a base das sociedades, a disseminação dos preconceitos, estereótipos e ideologias dos poderosos não são criações do jornalismo, embora ele eventualmente participe de tudo isso. (MEDITSCH, 1997, p. 11)

Então, a realidade apresentada no discurso jornalístico está subordinada à subjetividade própria da linguagem, às demandas das empresas de comunicação, às técnicas de produção e ao cotidiano. Como produto social, o jornalismo reproduz os valores e contradições da sociedade da qual faz parte, ao mesmo tempo em que contribui para a reformulação das visões de mundo.

2.2 Teoria Construcionista

Em oposição às teorias que pensavam no conteúdo jornalístico como um *espelho*, que reflete a realidade exatamente como ela se constitui, surge a Teoria Construcionista nos anos 1970. Os novos estudos passaram a considerar a dimensão cultural das notícias e a incorporar a análise de aspectos como a rotina de produção nas redações, as pressões organizacionais, a complexidade da linguagem e os agentes sociais envolvidos na composição do produto jornalístico. De acordo com Nelson Traquina (2004), para o paradigma construcionista a notícia atua na construção da própria realidade.

Além de se opor à teoria do espelho, a teoria construcionista também discorda dos teóricos instrumentalistas que tomam a notícia como distorção. O discurso jornalístico é considerado uma narrativa, mas não deve ser acusado de ficcional, já que corresponde a uma realidade exterior. Tratar a notícia como uma narrativa não a invalida enquanto fonte de informação.

Dizer que uma notícia é uma estória não é de modo algum rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor, alerta-nos para o fato de a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora da sua própria validade interna. (TUCHMAN apud TRAQUINA, 2004, p. 169)¹

Além disso, o paradigma construcionista também é contrário à ideia das teorias instrumentalistas de que a conspiração de agentes sociais é inerente ao processo de produção de notícias. A base da construção das notícias não está unicamente nas pressões políticas dos agentes envolvidos. Deve ser considerado que os veículos de comunicação estruturam inevitavelmente a sua representação dos fatos, baseados em diversos fatores, como a organização do trabalho pelo tempo e espaço dos acontecimentos e as limitações orçamentais.

O novo paradigma refuta a ideia ingênua de que o jornalista pode ser totalmente imparcial e que relata o acontecimento exatamente como se constituiu. A teoria defende também que a linguagem não pode funcionar como transmissora direta do significado dos acontecimentos, já que ela não pode ser neutra. A simples escolha dos termos para relatar os acontecimentos passa pela subjetividade do jornalista. Além disso, o contexto de vida e de trabalho do jornalista interpela não apenas a forma como ele relata os acontecimentos, mas também como que ele encara a realidade que se põe a sua frente. Os produtores das notícias são “pessoas que operam, inconscientemente, num sistema cultural, um depósito de significados culturais armazenados e de padrões de discursos” (SCHUDSON apud TRAQUINA, 2004, p. 171). Mesmo as técnicas jornalísticas que procuram objetivar o relato dos acontecimentos são produzidas com o olhar subjetivo do profissional.

A pirâmide invertida, a ênfase dada à resposta às perguntas aparentemente simples: quem? O que? Onde? Quando?, a necessidade de selecionar, excluir, acentuar diferentes aspectos do acontecimento – processo orientado pelo enquadramento escolhido – são alguns exemplos de como a notícia, dando

¹ TUCHMAN, Gaye. Telling Stories. *Journal of Communication*, v. 26, n. 4, 1976.

vida ao acontecimento, constrói o acontecimento e constrói a realidade.
(TRAQUINA, 2004, p. 174)

Assim, para a teoria construcionista, o jornalista não é um profissional passivo, que observa e transmite o acontecimento com isenção. Assim como não distorce conscientemente os fatos, transformando os acontecimentos em ficção. Ele é um agente social que participa ativamente da construção da realidade.

Nos anos 1960 e 1970 surgiram duas teorias que compartilham o paradigma da notícia como construção, a teoria estruturalista e a teoria interacionista. Ambas abordam a notícia como um produto que ultrapassa o simples relato pelo profissional e evidenciam a complexidade do fazer jornalístico na construção da realidade social.

Para a teoria estruturalista, as notícias tendem a refletir a visão do grupo dominante da sociedade, apesar de reconhecer que os jornalistas possuem uma “autonomia relativa”. Traquina (2004) cita fatores que são determinantes para a construção da notícia, de acordo com o estruturalismo. Em primeiro lugar, a organização e estrutura burocrática das empresas de comunicação são aspectos considerados no momento de seleção dos acontecimentos que devem ser noticiados. O segundo é a ideologia dos jornalistas que aponta quais fatos são noticiáveis, ou seja, o compartilhamento dos valores-notícia pelos profissionais. E, ainda, o momento de construção da própria notícia, de torná-la acessível ao público, que requer uma suposição sobre como a sociedade funciona.

Assim, para os defensores dessa teoria, o processo de produção de notícias não só pressupõe a natureza consensual da sociedade como sublinha o papel das notícias no reforço da construção da sociedade como consensual. Os ‘mapas de significado’ incorporam e refletem valores comuns, formam a base dos conhecimentos culturais e são mobilizados no processo de tornar um acontecimento inteligível. (TRAQUINA, 2004, p. 177)

Segundo esta abordagem, as pressões da rotina de trabalho, como prazos a vencer e também a exigência de imparcialidade que é própria da profissão, levam os jornalistas a recorrerem frequentemente a fontes oficiais. Sendo assim, a primeira versão dos acontecimentos é, muitas vezes, a de pessoas que possuem cargos institucionais privilegiados. Apesar da ressalva de que as empresas de comunicação têm lógicas próprias de funcionamento que podem conflitar com a posição das ‘fontes poderosas’, o conteúdo jornalístico tende a reproduzir a ideologia dominante.

Já para a teoria interacionista o fazer jornalístico é determinado, principalmente, pelos desafios da rotina de trabalho. Segundo Traquina (2004), o trabalho jornalístico é orientado pelos fatores tempo e espaço. O jornalista tem um desafio cotidiano de finalizar um produto dentro de um determinado período de tempo, independentemente da quantidade dos acontecimentos passíveis de serem transformados em notícias. Desta forma, as empresas operam em uma ordem no espaço e no tempo (TRAQUINA, 2004, p. 181).

Os acontecimentos noticiáveis são selecionados quando estão dentro da territorialidade geográfica estabelecida pelas empresas. O espaço de atuação é escolhido de acordo com valores-notícia – pela suposição de que o público tenha interesse por determinada localidade – e também pelo orçamento e tempo disponível para o envio de equipe ao local.

As empresas também selecionam as notícias de acordo com o fator tempo. Os acontecimentos noticiados são, na maioria das vezes, aqueles que acontecem dentro do horário de trabalho dos jornalistas. Além disso, as empresas tentam elaborar uma agenda para planejar com antecedência a cobertura de determinados fatos. Sabe-se, porém, que acontecimentos podem ocorrer em qualquer hora e local, o que requer uma agilidade e disposição das empresas para a realização destas coberturas. Outra exceção da organização cotidiana do trabalho jornalístico é a grande reportagem. A realização de reportagens especiais requer uma organização diferenciada da empresa, uma vez que se trata de um produto jornalístico mais elaborado e, por isso, justifica o deslocamento de equipes a locais mais distantes e por mais tempo do que a demanda cotidiana.

Para a teoria interacionista, os agentes sociais têm diferentes intenções quando se envolvem no processo de construção da notícia. As fontes têm interesses diversos para que determinados acontecimentos sejam noticiados. Além disso, os jornalistas também necessitam de novos acontecimentos para suprir a demanda do trabalho cotidiano. Os diversos interesses na promoção de determinados fatos são fatores inerentes à construção da notícia. “Assim, nas sociedades mass-mediaticizadas, o campo jornalístico constitui um alvo prioritário da ação estratégica dos diversos agentes sociais; em particular, dos profissionais do campo político” (TRAQUINA, 2004, p. 187). Nesse sentido, a teoria interacionista se aproxima da teoria estruturalista, ao apontar a importância das motivações políticas no jornalismo.

2.3 Televisão

Desde a sua difusão massiva, após a Segunda Guerra Mundial, a televisão modificou profundamente a forma de compreensão da realidade diária, enquanto propiciou ao público uma nova lógica: a possibilidade de experimentar o mundo por meio do audiovisual dentro do ambiente doméstico. O novo meio de comunicação ganhou os lares da sociedade moderna ao oferecer informação e entretenimento através de sons e imagens. Para a grande maioria da população, a televisão se tornou uma companhia, além de principal fonte de conexão com os acontecimentos do mundo.

O sucesso popular da televisão é inegável, à medida que se tornou uma “janela para o mundo” e acumulou um repertório de obras criativas suficientemente amplo para que seja compreendida como um dos fenômenos mais importantes do nosso tempo (MACHADO, 2001). Assim, a população mundial passou a conhecer e a se reconhecer ao se ver retratada na tela.

A estrutura da televisão, com seus diferentes canais e a oferta de uma grade de programação, garante determinadas escolhas ao público. É possível optar pelo acompanhamento dos programas combinando o tempo pessoal da vida cotidiana com o relógio da lógica televisiva. Ou, então, interromper o fluxo contínuo de imagens com um simples toque no botão “desliga” do controle remoto. A televisão ganhou força devido à facilidade do espectador em receber informações dentro de um universo de programas que lhe é oferecido. Assim, a “liberdade” propiciada pela televisão atraiu milhões de indivíduos e os ajudou a viver, a se distrair e a compreender o mundo.

A possibilidade de escolha que o meio oferece aproxima o telespectador do cidadão com livre arbítrio, além de colocá-lo em contato com uma realidade multifacetada. É isso que caracteriza a televisão como instrumento de democracia.

Ela é, ao mesmo tempo, uma formidável abertura para o mundo, o principal instrumento de informação e de divertimento da maior parte da população e, provavelmente, o mais igualitário e o mais democrático. Ela é também um instrumento de libertação, pois cada um se serve dela como quer. (WOLTON, 1996, p. 65)

À medida que pauta, orienta e reproduz a vida de milhões de cidadãos, a televisão participa da produção de identidade individual e cultural. O telespectador apreende o seu lugar na sociedade ao acompanhar diariamente o cotidiano filtrado pelas

câmeras. A televisão atua como extensão da vida social, de tal forma que os fatos e ideologias do mundo ganham legitimidade quando retratados por ela.

A televisão penetrou tão profundamente na vida política das nações, espetacularizou de tal forma o corpo social que nada mais pode lhe ser “exterior”, pois tudo o que acontece de alguma forma pressupõe a sua mediação, acontece portanto *para a tevê*. Aquilo que não passa pela mídia eletrônica torna-se estranho ao conhecimento e à sensibilidade do homem contemporâneo. (MACHADO, 1988, p.8)

A televisão opera ao mesmo tempo como instrumento técnico e social (FISCHER, 2001, p.15). A dimensão técnica diz respeito à linguagem audiovisual, cada vez mais valorizada na sociedade contemporânea, que exige quantidade e diversidade de imagens sempre maior. Já o caráter social está na constituição de modos de ser, de pensar, de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida, mas também no seu papel de laço social. A televisão serve “para unir indivíduos e públicos que de um outro ponto de vista tudo separa e lhes oferecer a possibilidade de participar de uma atividade coletiva” (WOLTON, 2012, p. 68).

Enquanto a televisão aberta² promove a liberdade individual, ela também opera em uma escala de massa. Assim, ao compartilhar o conteúdo televisivo com outras pessoas dispersas geograficamente, o indivíduo aprende a reconhecer o lugar e a cultura do outro. O valor da televisão está na união da experiência no âmbito individual e coletivo. “Ela é a única atividade a fazer a ligação igualitária entre ricos e pobres, jovens e velhos, rurais e urbanos, entre os cultos e os menos cultos” (WOLTON, 1996, p. 16).

Para Eugênio Bucci (2000a), o papel da televisão de unificar foi determinante na formação da atual sociedade brasileira. É através das imagens dos canais abertos que o país se informa sobre si mesmo e se reconhece como unidade. A televisão influencia na vida privada dos brasileiros, com suas novelas e noticiários, ensinando como agir ou quais valores seguir.

O modelo de televisão que vingou no Brasil soube unificar o país no plano do imaginário por cima de um alicerce (o plano real) marcado por desencontros, rupturas, abismos sociais. Conseguiu que um país desunido (real) se visse (se imaginasse) unido. (BUCCI, 2000a, p. 13)

² Nesta pesquisa, abordo apenas a produção e o consumo da “TV aberta”, ou seja, os canais em VHF e UHF que estão disponíveis gratuitamente para serem captados através da antena do próprio aparelho de TV.

É preciso lembrar que tanto no Brasil quanto em outros países, os conteúdos veiculados na maioria das emissoras obedecem à lógica das grandes empresas de comunicação, cujos interesses são essencialmente comerciais. Desta forma, a visão da realidade e os valores implícitos nos programas televisivos são construídos de forma a afirmar expectativas, manter a ordem do espaço social e conquistar audiência.

Apesar de reforçar modos de pensar e de agir já consolidados na sociedade, a televisão não se reporta a uma massa acrítica que consente com tudo o que vê. Mesmo podendo aderir ao consumo diário dos programas de televisão, o público é dotado de inteligência e parece saber manter certa distância crítica. Considerando a sabedoria do público, torna-se evidente a necessidade da oferta de conteúdos televisivos de qualidade.

Privilegiar o grande público significa na realidade apostar na sua inteligência. Principalmente em época na qual o nível cultural e educativo é bastante elevado. É lembrar que, além de um conhecimento sociográfico da demanda, a característica distintiva de uma indústria cultural persiste na responsabilidade de oferta. É lembrar também, evidentemente, que o público nunca é passivo ou alienado. Ele pode ser influenciado, principalmente por programas de baixa qualidade, mas falar em alienação suporia a perda de seu livre-arbítrio. (WOLTON, 2012, p. 65)

Observando o impacto na vida de milhares de pessoas em todo o mundo, a produção de conteúdos televisivos deve levar em consideração a responsabilidade social do meio. Quando a conquista de audiência é o principal objetivo, as emissoras optam por uma programação baseada na banalização a favor do espetáculo. Os programas de conteúdo jornalístico se aproximam da espetacularização: a importância social dos conteúdos se torna menos relevante do que o impacto das imagens; a objetividade própria do jornalismo é substituída pela narrativa que procura chocar; o aprofundamento de temas perde espaço para as notícias rápidas, com variedade de planos e cortes.

Assim, o desafio dos profissionais hoje é saber aliar conteúdos de qualidade com a lógica de mercado. Para Wolton (2012), a banalidade possui um papel de escape, pois o público abandonaria a televisão caso ela se tornasse uma espécie de escola. Então, é preciso unir a necessidade de distração do público com a oferta de programas culturais e educativos. “Existem mil maneiras de aliar espetáculo e cultura, entretenimento e qualidade. É essa certeza da comunicação de massa que faz a sua força

e explica seu papel inestimável de vínculo social e de abertura à cultura contemporânea” (WOLTON, 2012, p. 61).

2.4 Telejornalismo

O jornalismo tem na televisão um espaço complexo de construção de sentidos sobre a realidade social. As especificidades do meio são a base de um processo de produção de notícias múltiplo: com sons, imagens e textos. Os acontecimentos retratados pelo jornalista na televisão são constituídos de diversas subjetividades — não apenas do profissional e do seu discurso, mas também do olhar do cinegrafista, das escolhas de edição, dos depoimentos das fontes e do próprio contexto que é inevitavelmente modificado pela simples presença da câmera no local. Além disso, o espaço privilegiado da televisão nas casas de todo o Brasil, e o papel dela na formação da agenda pública, torna o telejornalismo o ambiente essencial de conhecimento da realidade cotidiana.

O telejornalismo é formado por dois tipos de discurso, o visual e o auditivo. A construção de notícias na televisão opera com a especificidade do meio de retratar o real³ de maneira icônica. Isto significa que a representação televisiva, incluindo a telejornalística, carrega propriedades daquilo que corresponde na realidade.

Uma vez que o discurso visual traduz um mundo tridimensional em planos bidimensionais, ele não pode, é claro, *ser* o referente ou o conceito que significa. O cão, no filme, pode latir, mas não consegue morder! A realidade existe fora da linguagem, mas é constantemente mediada pela linguagem ou através dela: e o que nós podemos saber e dizer têm de ser produzido no discurso e através dele. (HALL, 2003, p. 370, grifo do autor)

No telejornalismo, a linguagem audiovisual faz a mediação entre o mundo e o telespectador e, através dela, o discurso carrega subjetividade e produz sentidos. Rosa Maria Fischer (2001, p. 64) ressalta que as imagens possuem um domínio de representação “sobre si mesmo e sobre o mundo que internamente cada sujeito produz e que o constituem, bem como os sistemas de significados que circulam e são construídos

³ Para Laplatine e Trindade (2003), o real é o resultado do processo de mediação do homem com a realidade.

nas diferentes culturas”. Assim, ao apresentar notícias mundiais, a televisão exerce um papel agregador na constituição das imagens que as pessoas formam sobre os países, as instituições, os problemas sociais e as diferenças culturais. As imagens “internas”, que construímos das coisas ao longo da vida, e as imagens “externas” e “materiais”, com que temos contato diariamente, se cruzam e se tornam inseparáveis.

Os jornalistas não conhecem os telespectadores pessoalmente e podem apenas presumir perfis de acordo com a faixa horária e o tema dos programas. Wolton (1996) afirma que é justamente a existência de um grande público, heterogêneo e imprevisível, que garante à televisão o papel de união social. Desta forma, o telejornalismo, em seu papel de agente social, cria estratégias de utilização da linguagem audiovisual a fim de contemplar o grande público com informações do cotidiano de naturezas. Na procura por falar e ser compreendido por um público mais heterogêneo possível, o telejornalismo constrói uma gramática própria, que é incorporada pelos profissionais através das rotinas de trabalho.

A suposição de uma audiência é ela própria parte constituinte do discurso jornalístico. Repórteres e apresentadores frequentemente dirigem-se aos telespectadores numa tentativa de incluir a audiência no processo de construção do jornal. Não é raro vermos construções como “você confere agora...” ou “olha o que encontramos...” na tentativa de estabelecer um diálogo. Por isso o texto jornalístico procura incluir o telespectador na temporalidade dos acontecimentos. Para Pereira Junior (2006, p. 33, grifo do autor), “o telejornal é uma montagem de vozes, um espaço imaginário onde são propostos múltiplos espaços de *participação* à audiência”. O texto funciona como um manual indicando instruções para o telespectador seguir, ao acompanhar a mensagem que está sendo passada. Diante de um caminho proposto, a audiência “encontra atalhos, trilhas e personagens diversos com os quais procura ou não estabelecer uma relação, segundo a imagem que lhe é oferecida, o modo pelo que é tratada ou a intimidade que lhe é proposta” (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 33-34).

O texto jornalístico tem uma função didática com relação ao público. Na televisão, as frases são curtas, coloquiais e diretas, para que a audiência consiga acompanhar as diversas informações que lhe são dadas. Dados, termos técnicos e informações de áreas específicas do conhecimento devem ser metodicamente explicados, a fim de que os telespectadores comuns aprendam com o relato jornalístico.

Assim, a audiência pode aderir ou não ao que assiste. Pode fazer uma leitura diferente da proposta pelo jornalista. Entretanto, a existência abstrata de um grande

público e os significados que ele dá aos elementos apresentados na tela compõem a atividade jornalística. O telespectador é, portanto, mais do que o consumidor do produto jornalístico, é também parte constitutiva do discurso.

Marcia Benetti (2008) localiza a formação do discurso jornalístico no espaço entre sujeitos, ou seja, a enunciação só existe devido à existência de interlocutores. Entretanto, o sujeito está também submetido ao funcionamento das normas exteriores a ele no momento da enunciação. O reconhecimento das regras do gênero discursivo também é essencial para que o discurso aconteça.

Na televisão, o discurso jornalístico segue uma lógica própria, que é compreendida e compartilhada pelos interlocutores. A união de texto, sons e imagens, o papel do apresentador, ou a presença do repórter no local dos acontecimentos são elementos do telejornalismo que fazem parte da cognição dos sujeitos envolvidos no processo de produção e recepção.

Além disso, a forma como o jornalismo constrói o seu discurso é orientado pelo o que se imagina do público.

A possibilidade da troca de papéis entre quem enuncia e quem interpreta [...] é condição para que haja discurso. Não é necessário que a troca de papéis seja *efetiva ou concretamente* possível, mas é necessário que ela possa ser imaginada, ou melhor: é necessário que os dois sujeitos envolvidos no processo possam compreender a posição de sujeito do outro, além de sua própria. (BENETTI, 2008, p. 5, grifo da autora)

Para o telejornalismo, além do papel fundamental de informar sobre os acontecimentos do mundo é importante o estabelecimento de um vínculo com o público. Como produto cultural e agente social, o jornalismo na televisão procura estratégias de narrar que envolvam o telespectador. No meio televisivo é preciso entreter ao informar, lançando mão dos recursos de texto, imagens e som, para que o público se sinta convidado a olhar para a realidade cotidiana retratada pelo discurso jornalístico.

O jornalista Marcelo Canellas atenta para a importância de compreender as especificidades do meio durante a realização de reportagem para a televisão. “A grande diferença da reportagem de tevê para a do impresso é a enorme quantidade de elementos narrativos que se pode utilizar, como pausas, silêncios, ruídos, suspiros das pessoas, entrevistas; tudo isso enriquece a reportagem” (CANELLAS, 2009)⁴. Conforme sugere Canellas, a reportagem em telejornalismo é, por excelência, o formato que procura

⁴ Documento eletrônico não paginado. Disponível em: <<http://globouniversidade.globo.com>>

apresentar os assuntos de forma contextualizada, ao mesmo tempo em que busca a exploração dos recursos audiovisuais.

O telejornalismo utiliza elementos narrativos já conhecidos, presentes em histórias de ficção, mas que no ambiente noticioso têm a importante função de organizar os acontecimentos e aproximá-los do público.

É possível identificar a existência de personagens no texto noticioso, de maneira latente ou manifesta, e ainda o papel representado por cada um deles na representação dos fatos são investigados tomando como matriz os modelos e estereótipos comumente presentes em obras dramáticas, ficcionais. (COUTINHO, 2006, p. 100)

O discurso noticioso carrega também sentidos como o “bem” e o “mal”, o “certo” e o “errado”, uma maneira de organização de conflitos já tradicional nas narrativas. O desfecho positivo após um problema levantado pelo próprio telejornal ou reportagem acalenta o público; mostra que o jornalismo está presente para mostrar os desvios, mas também os caminhos a serem seguidos e estimula a fidelização da audiência.

Contar histórias que sejam atraentes mas, ao mesmo tempo, presas ao real, é atribuição do jornalismo. Então, a dramaticidade e a emotividade são elementos que favorecem a narrativa quando utilizados a favor da compreensão do público e quando há o cuidado para que o jornalismo não se torne sensacionalista. É evidente que muitos programas televisivos não economizam na carga de emoção, nas imagens que chocam, nas palavras que simplificam e diminuem os fatos. Entretanto, o bom telejornalismo sabe aproveitar as especificidades do áudio e da imagem para mostrar para o telespectador que a realidade externa à sua casa merece atenção.

Para Eugênio Bucci (2000a), o sentimentalismo presente no telejornal foi essencial para transformá-lo em um hábito da população. O telejornalismo constrói um vínculo afetivo com o público, que faz com que o contrato imaginário de confiança no jornalismo seja sempre renovado.

A emoção tem, portanto, o importante papel de estreitar o laço entre jornalismo e telespectador. Entretanto, é preciso reconhecer que a emoção ainda desempenha outra função essencial para que o telejornalismo atue como formador de conhecimento sobre a realidade: ela atua como agente de cognição (HAGEN, 2009).

Aproximar a dramaticidade e a emoção no telejornalismo pode causar estranhamento, já que os manuais da profissão orientam o processo de construção da

notícia para a busca por neutralidade e objetividade. Porém, a emoção também pode ensinar, tornar os diversos elementos narrativos mais claros aos olhos do telespectador.

A emoção é constitutiva do processo de codificação lógica e racional inerente aos indivíduos para a compreensão de informações. É através da subjetividade dos sentimentos que os indivíduos julgam, fazem escolhas e tomam decisões (DAMÁSIO, 1996). A emoção impulsiona o telespectador a admirar, a impressionar-se e a buscar o aprendizado na experiência do outro que está na tela. Para obter qualidade no telejornalismo é necessário “buscar um equilíbrio maior entre razão e emoção, entre objetividade e subjetividade. E um equilíbrio em nível consciente, já que inconscientemente a emoção ocupa um espaço fundamental na tomada de decisões e no processo de cognição” (HAGEN, 2009, p. 46).

2.5 Jornalismo ambiental

A presente pesquisa aborda o jornalismo enquanto forma de construção de conhecimento, no formato televisivo, e os aspectos intrínsecos da atividade dentro do tema ambiental. Desta forma, é preciso compreender as especificidades do jornalismo especializado em meio ambiente e ver que ele trata muito mais do que da preservação da natureza em si, é também propulsor da busca de cidadania na sociedade.

A emergência do debate sobre a consciência ambiental se deu na segunda metade do século XX, quando os homens em todo o mundo passaram a se preocupar com as transformações progressivas no meio ambiente. Com o crescimento industrial e a globalização, os impactos da degradação dos recursos naturais tornaram-se mais claros para a população mundial que, por sua vez, aumenta e se concentra, em grande parte, em zonas urbanas. Os relatórios do IPCC (Intergovernmental Panel of Climate Change), publicados em 1990, 1995, 2001 e 2007, alertaram para as mudanças climáticas que o planeta vem sofrendo. O tema tornou-se mais discutido, ainda, após a ampla divulgação, em 2006, do documentário *Uma verdade inconveniente*, do ex-vice-presidente norte-americano Al Gore. Assim, a percepção de que a Terra, que parecia inesgotável, possui na verdade um limite crítico, foi essencial para a crescente tomada de consciência ambiental. “A evidência desse limite colocou sob crítica os modelos econômicos e as bases tecnológicas da produção, além de ideias pouco práticas sobre ‘modos de vida’

que foram colocados como símbolos de modernidade e progresso” (DUARTE, 2003, p. 246).

Esta visão sobre a busca por equilíbrio e a preocupação com o futuro do ambiente compartilhado pelos homens está longe de ser unânime, porém vem ganhando muitos adeptos nas últimas décadas. Com a inserção do tema ambiental na mídia, a sociedade passou a reconhecer a importância do debate. Além disso, líderes mundiais atentaram para a questão ambiental, uma vez que a própria economia depende da sua estabilidade.

O conceito de desenvolvimento sustentável foi citado como objetivo a ser alcançado no grupo Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU em 1983. O grupo da ONU foi responsável pela repercussão da questão ambiental – com a união de líderes de 180 países, ONGs e sociedade civil – na Conferência Rio-92. Esse foi também um marco para o jornalismo ambiental em todo o mundo. Os meios de comunicação voltaram às atenções ao meio ambiente, abrindo espaço para o tema nas coberturas diárias, criando cadernos e suplementos especializados. Expressões conhecidas apenas no meio científico foram incorporadas à rotina das redações.

Com o jornalismo ambiental, uma diversidade de temas que afetam a vida da sociedade é colocada em pauta: o uso racional de recursos naturais, as relações do homem com a natureza, o transporte coletivo, a geração de energia, o destino dado ao lixo, a poluição do ar e das águas. Mas também os saberes de comunidades tradicionais, a questão da moradia e da pobreza. É de grande importância a compreensão de que o jornalismo ambiental não trata apenas de temas relacionados aos recursos naturais, mas também dos problemas sociais, econômicos e políticos. A função do jornalista é de colocar em perspectiva todos os aspectos que movimentam o organismo social. Para Wilson Bueno (2008, p. 108), o termo meio ambiente é bastante amplo e sugere

o complexo de relações, condições e influências que permitem a criação e a sustentação da vida em todas as suas formas. Ele não se limita apenas ao chamado meio físico ou biológico [...] mas inclui as interações sociais, a cultura, as expressões/ manifestações que garantem a sobrevivência da natureza humana (política, economia etc.).

O jornalista precisa ter uma visão sistêmica para tratar do meio ambiente. É necessário compreender que empreendimentos favoráveis à economia podem ser desastrosos para a natureza, por exemplo. Além disso, o produto jornalístico deve mostrar a ligação entre acontecimentos maiores – decisões governamentais e grandes

problemas ambientais – com aspectos menores do cotidiano – as atitudes de cada cidadão na sua relação com a natureza. O jornalismo sobre o meio ambiente tem que servir de subsídio para os indivíduos conectarem a atitude individual e a responsabilidade coletiva. Quando o conteúdo jornalístico aprofunda os acontecimentos e consequências para o meio ambiente, os homens conseguem entender a ligação existente entre a sua atitude de reciclar o lixo e a preservação das florestas, ou então entre a construção de uma hidrelétrica e o risco de extinção de alguma espécie animal ou vegetal. O trabalho dos jornalistas consiste em disponibilizar a informação de forma correta e contextualizada para o cidadão, possibilitando a tomada de decisões nos aspectos que dizem respeito à sua vida em sociedade (GIRARDI; SCHWAAB, 2008).

É por isso que a divisão do jornalismo em editorias e cadernos prejudica a abordagem ambiental. O tema meio ambiente está na economia, na política, na cultura, na ciência e não deve ser tratado apenas como algo à parte. Todas as áreas são conectadas entre si e a segmentação delas impossibilita a contextualização e aprofundamento de todos os lados dos acontecimentos. Esse modelo, então, não contribui para a formação do público de forma mais completa.

O público é, afinal, a razão de ser do discurso jornalístico. “O jornalismo ambiental é, antes de tudo, jornalismo [...] e deve ter compromisso com o interesse público, com a democratização do conhecimento, com a ampliação do debate” (BUENO, 2008, p. 111). O jornalismo ambiental não pode servir para legitimar poderes e privilegiar determinados grupos. A rotina de produção deve ser rigorosa na apuração e na coleta de provas para tornar claro para o público as medidas que desfavorecem a preservação da natureza. Faz parte do papel do jornalismo a vigilância de interesses empresariais e políticas públicas que não priorizam o cuidado com o meio ambiente.

Wilson Bueno (2008) cita três funções para o jornalismo ambiental: a) a informativa, de fazer com que o cidadão esteja em dia com o tema, apontando o impacto de determinadas atitudes e modelos para o meio ambiente; b) a pedagógica, de explicitar as causas e soluções para os problemas ambientais; c) e a política, de mobilizar o cidadão na luta contra os interesses que agravam a degradação do planeta.

No jornalismo ambiental, há uma corrente que considera que seja necessária uma militância cívica, sem ligação com partidos políticos. A pauta ambiental precisa “ter um caráter revolucionário, comprometido com a mudança de paradigmas” (BUENO, 2007, p.17). Segundo esta visão, o profissional desta área trabalha com

motivação na busca por esclarecimentos e soluções que contribuam para o futuro sustentável da vida em sociedade, abrindo mão do ideal da neutralidade.

Entretanto, a militância não deve ser tratada como um partido a ser tomado pelo profissional entre o meio ambiente e a economia. A busca por informações deve ser motivada pelo papel social do jornalismo de apresentar todos os lados dos acontecimentos, a fim de contribuir para a compreensão da realidade social. É atribuição da atividade jornalística quando trata da questão ambiental munir os indivíduos com informações que possam contribuir para a sua tomada de decisões.

O jornalismo ambiental se aproxima do chamado jornalismo comunitário, quando possibilita a reflexão dos indivíduos, mostrando-lhes o caminho da cidadania. O profissional busca no seu trabalho diário a melhoria da vida das pessoas, concebendo o público não como consumidor, mas como ator na sociedade democrática. O jornalismo comunitário possibilita a inclusão do cidadão no processo jornalístico, compartilhando com a sociedade a tarefa de apontar desvios e buscar soluções para problemas como moradia, emprego e educação. O engajamento da população na criação de produtos jornalísticos que visem a qualidade de vida e a preservação da natureza favorece o debate sobre a realidade cotidiana e a democracia.

Desta forma, o jornalismo ambiental se preocupa em aproximar o cidadão da sua realidade, fazendo com que ele perceba a importância de coexistir com outros e com os elementos a sua volta. Para Simone Schmidt (2011), a noção de solidariedade, conforme teoria do sociólogo Edgar Morin, é essencial na compreensão do discurso do jornalismo ambiental. A solidariedade entre os povos, a preocupação com o outro, seria a solução para a preservação do planeta. Tal visão corrobora para que o discurso jornalístico sobre o meio ambiente seja carregado de emoção (SCHMIDT, 2011).

A emoção aparece no conteúdo jornalístico por meio da escolha das palavras e, no caso do telejornalismo, também muito das imagens, que suscitam sentimentos diversos. A noção, presente nas coberturas ambientais, de que os homens precisam uns dos outros e de que é preciso amar e preservar, fortalece o vínculo do público com o meio ambiente e com a sociedade. Até mesmo a preocupação e o medo da finitude dos recursos naturais são elementos do discurso jornalístico para alertar para a situação ambiental. Desta forma, a emoção tem o papel de chamar a atenção do público, reforçando a educação ambiental. Ela é, portanto, um dos principais elementos de construção das notícias especializadas no tema meio ambiente (SCHMIDT, 2011).

O discurso do jornalismo ambiental é apoiado, principalmente, na ideia de sustentabilidade (SCWHAAB, 2011). Diante do cenário de crise ambiental mundial, o entendimento de que o futuro depende de soluções e práticas do presente tornou-se a principal mensagem das notícias e reportagens sobre o meio ambiente. O termo sustentabilidade está ligado à preservação da diversidade ambiental. Entretanto, quando sucede à palavra “desenvolvimento”, surge um novo conceito que envolve sentidos dos campos político e econômico, utilizado para sugerir a busca pelo progresso sem prejudicar o meio ambiente.

No discurso sobre a sustentabilidade é possível identificar três sentidos comumente presentes: a) o ecológico, sobre a conservação dos recursos naturais do planeta, essenciais para a vida social; b) o social, que se refere à qualidade de vida das populações (saúde, moradia etc.); c) e o econômico, que procura soluções e investimentos para processos produtivos mais adequados. O termo sustentabilidade é, portanto, bastante amplo. Porém, um dos méritos do jornalismo foi popularizá-lo e expor toda a sua complexidade.

Como agente social, o jornalismo precisa dar todas as condições para que as pessoas se apropriem da sua realidade e busquem a sua melhoria. Sem abrir mão da objetividade no trabalho diário, o jornalista deve construir notícias e reportagens que visem a compreensão dos acontecimentos no âmbito ambiental, econômico e social, concebendo os indivíduos como cidadãos, ou seja, como atores na sociedade. Quando há informação de qualidade, o engajamento de cada um na conservação do planeta torna-se uma consequência. A pretensão do jornalismo ambiental é que a luta pelo uso racional dos recursos naturais e pela garantia de cidadania da população seja de todos.

Quando essas ideias justificarem atitudes que se multipliquem pelo mundo inspirando a construção de uma nova civilização, um novo paradigma, talvez não exista mais a necessidade de existirem ambientalistas, assim como os abolicionistas deixaram de existir com o fim da escravidão. Também não haverá razão para ministérios do meio ambiente, secretarias estaduais e municipais, bem como ONGS ambientais. Nesse dia, o jornalismo ambiental terá cumprido a sua missão. (TRIGUEIRO, 2003, p. 89)

3 ANÁLISE

3.1 Metodologia: Análise de discurso

A análise de discurso de linha francesa coloca em evidência as propriedades da linguagem como instrumento essencial na mediação entre o homem e o mundo a sua volta, que possibilita tanto a modificação quanto a manutenção da realidade social. Através do entendimento de que a linguagem não é neutra e carrega sentidos que estão além da compreensão consciente do sujeito que fala, a análise de discurso procura desvelar os processos de produção e de interpretação daquilo que se diz. Assim, a análise de discurso é um campo do conhecimento que se preocupa com a relação existente entre linguagem, sujeito e a exterioridade.

A definição de discurso é de efeito de sentido entre locutores (ORLANDI, 1994, 2012). Isto significa que o estudo do discurso considera o processo de movimentação da linguagem. A utilização da língua pelo homem está inscrita em um trabalho simbólico, no qual as palavras carregam não só os sentidos, mas também os elementos exteriores a elas. “O discurso supõe um sistema significante, mas supõe também a relação deste sistema com sua exterioridade já que sem história não há sentido, ou seja, é a inscrição da história na língua que faz com que ela signifique” (ORLANDI, 1994, p. 53).

Segundo Benetti (2007), é preciso compreender a linguagem como um movimento dialógico: há a interdiscursividade, a relação do discurso com outros discursos exteriores a ele, e a intersubjetividade, em que o discurso só existe no espaço entre sujeitos, entre locutores. Desta forma, torna-se claro que a linguagem e, conseqüentemente, o discurso, estão sempre sujeitos à interpretação. Não há no discurso sentidos fixados às palavras, apesar da aparência de literalidade que o constitui. Esse efeito de literalidade, própria do discurso, é a impressão de que aquilo que é dito só poderia ser dito daquela maneira, como se o sentido ali presente fosse natural e independente. Entretanto, tomando o discurso como construção entre sujeitos e entre discursos é possível ver que não há transparência na linguagem, perceber que há verdades ocultas que podem ser descobertas. “A análise de discurso considera que o sentido não está fixado *a priori*, como essência das palavras, nem tampouco pode ser qualquer um: há determinação histórica no sentido” (ORLANDI, 1994, p. 56).

A historicidade – a exterioridade – é fundamental na análise de discurso. Ao estudar a linguagem em relação à sociedade, pode-se definir o discurso como processo social, sustentando o descentramento do sujeito. Os sentidos formados no discurso são provenientes do contexto, da história e da ideologia, em um processo de materializado pelo sujeito. “É no discurso que se pode apreender a relação entre linguagem e ideologia, tendo a noção de sujeito como mediadora: não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 1994, p. 54).

A ideologia é condição para a existência da relação entre linguagem e mundo. É, portanto, constitutiva do processo de construção de sentidos pelos indivíduos. Além da ideologia, as formações imaginárias também estão presentes no discurso. Formadas ao longo da vida, a partir das relações sociais, elas são imagens que construímos sobre os sujeitos com quem falamos e, também, que supomos que estes sujeitos constroem a nosso respeito enquanto falamos. Assim, mesmo que de forma imperceptível à primeira vista, tanto a ideologia quanto o imaginário estão presentes no momento em que o sujeito utiliza a linguagem para se expressar, ou seja, na construção de sentidos nas formações discursivas.

O trabalho do analista, então, consiste em apreender o que é externo à linguagem que se põe a sua frente na forma material. “O texto é a parte visível ou material de um processo altamente complexo que inicia *em outro lugar*: na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário” (BENETTI, 2007, p. 111, grifo da autora). Nesse sentido, a memória, tratada como interdiscurso, é outro elemento fundamental no processo discursivo. Significa que aquilo que é dito pelo sujeito já foi dito antes, possui uma história anterior ao indivíduo. “As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas ‘nossas’ palavras” (ORLANDI, 2012, p. 32).

Para que o sujeito diga o que já foi dito, tomando como seu, é necessário o esquecimento. Ele faz com que as palavras pareçam naturais na fala do locutor. A história e a ideologia são esquecidas e significadas novamente pelo indivíduo. Portanto, mesmo que não aparentes, elas estão presentes no ato de falar e, então, na produção de sentidos. Assim surge o conceito de formações discursivas. O termo sugere uma *região de sentidos* que delimita a interpretação do analista (BENETTI, 2007). É preciso encontrar sentidos predominantes no discurso, que englobam diversos pequenos significados. Para a identificação de formações discursivas deve-se considerar que o

sentido sempre representa aquilo que poderia ser dito naquele contexto, por aqueles sujeitos, dentro de uma formação ideológica específica.

Outros dois conceitos são importantes para a identificação dos sentidos pela análise de discurso: a paráfrase e a polissemia (ORLANDI, 2012). São dois tipos de processos que constituem a linguagem. A paráfrase representa a estabilização, o retorno aos mesmos espaços de dizer. Já a polissemia é a ruptura dos processos de significação. Ela é a condição de existência do discurso, pois se não houvesse modificação nos sentidos não haveria necessidade de dizer. Para Orlandi, o trabalho do analista pode ser compreendido através da relação entre paráfrase e polissemia.

Entre o mesmo e o diferente, o analista se propõe compreender como o político e o linguístico se interrelacionam na constituição dos sujeitos e na produção de sentidos, ideologicamente assinalados. Como o sujeito (e os sentidos), pela repetição, estão sempre tangenciando o novo, o possível, o diferente. Entre o efêmero e o que se eternaliza. Num espaço fortemente regido pela simbolização das relações de poder. (ORLANDI, 2012, p. 38)

O jornalismo é um espaço de construção e circulação de sentidos, que envolve diferentes sujeitos e é constituído por determinadas rotinas de produção. Assim, é possível identificar formações discursivas e ideológicas nas notícias e reportagens. Apesar do ideal de objetividade própria da profissão, a linguagem, que é condição do fazer jornalístico, não pode ser neutra. Além disso, o produto jornalístico é sempre constituído por um contexto histórico, cultural, político e social.

Se as notícias publicadas trazem na sua constituição textual traços histórico-sociais, e isso faz parte dos processos de significação, é porque língua e história precisam ser pensados na sua historicidade. Os sentidos não estão presos ao texto nem emanam do sujeito que lê, ao contrário eles resultam de um processo de inter-ação texto/leitor. (MARIANI, 1999, p. 106).

Considerando os aspectos inerentes à atividade jornalística, o presente trabalho se utiliza da análise de discurso enquanto metodologia porque ela propõe a investigação da relação entre sujeitos e sentidos, entre linguagem e ideologia. Aspectos sociais, culturais, ambientais e políticos atravessam o discurso jornalístico nas reportagens da série Planeta Terra: Lotação Esgotada. Assim, a análise de discurso vai ao encontro dos objetivos deste trabalho, pois evidencia a existência de ideologia nas imagens e nos textos que se propõem a mostrar aos telespectadores a realidade do futuro da população mundial.

3.2 Programa Fantástico

Um programa diferente dos que já existiam na televisão brasileira, com o objetivo de unir jornalismo e entretenimento, levando aos telespectadores informações do país e do mundo. Foi com essa proposta que o programa Fantástico começou a ser transmitido pela Rede Globo no dia 5 de agosto de 1973, com apresentação de Sérgio Chapelin e direção de João Loredó. O programa se chamava Fantástico, O Show da Vida. Foi criado pelo então diretor de Operações da Rede Globo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, para ser um espaço visualmente sofisticado com a reunião de jornalismo e dramaturgia, ficção e realidade⁵. O novo projeto entrou na grade de programação dominical e foi produzido com o envolvimento de toda a TV Globo.

Desde sua criação o Fantástico manteve a sua proposta enquanto linha editorial. O programa dominical é caracterizado como revista eletrônica devido à variedade de assuntos que aborda.

O Fantástico é um painel dinâmico e multifacetado de quase tudo o que é produzido numa emissora de televisão – jornalismo, prestação de serviços, humor, dramaturgia, documentários, música, reportagens investigativas, denúncia, ciência – além de um espaço para a experimentação de novas linguagens e formatos. (MEMÓRIA GLOBO, 2002)

Ao longo dessas quatro décadas de existência, o Fantástico teve diversas mudanças na apresentação, direção e no formato. Com o crescimento da própria Rede Globo e expansão das equipes de reportagem nos Estados Unidos e na Europa, no final dos anos 1980, o jornalismo no programa ganhou fôlego. Reportagens especiais e internacionais ganharam mais espaço, adotando pautas mais preocupadas com a atualidade. Enquanto o jornalismo era fortalecido, os quadros de variedades entretenimento também eram valorizados, pois essa sempre foi uma das marcas do programa: a união entre reportagens que mostram os acontecimentos do mundo e o conteúdo mais voltado para a distração do público é o aspecto que confere identidade ao programa.

⁵ A história do programa Fantástico foi publicada pelo projeto Memória Globo, em 2002. Disponível em: < <http://memoriaglobo.globo.com> >

A partir dos anos 2000, o Fantástico passou a investir mais nas grandes reportagens com viagens ao redor do mundo. A repórter Glória Maria foi a diversos países para mostrar a cultura e as curiosidades dos diferentes povos, além das belezas naturais. Essas reportagens viraram marca registrada do programa e abriram espaço para as séries de viagens. Em 2004, foi a vez de Zeca Camargo conhecer e apresentar cinco continentes através do Fantástico. A série, de grande repercussão, deu origem ao livro *A fantástica volta ao mundo*. As reportagens que retratam a realidade em diferentes países sempre ganharam destaque nas edições, assim como grandes coberturas jornalísticas – para citar dois exemplos, o ataque às Torres Gêmeas nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001 e o resgate de mineiros soterrados no Chile, em 2010.

Atualmente, o Fantástico vai ao ar aos domingos, às 20h45, apresentado por Zeca Camargo, Renata Ceribelli e Tadeu Schmidt. Com direção de Luiz Nascimento, o programa é dividido em sete blocos e tem duas horas de duração.

Entre as notícias factuais e os quadros de entretenimento, o Fantástico é um programa que ainda abre espaço para a grande reportagem. Ao contrário dos noticiários diários na televisão, a produção do programa dispõe de tempo e de recursos financeiros para apostar em pautas que requerem o deslocamento de repórteres por mais tempo e a lugares distantes. O resultado dessa aposta são reportagens mais elaboradas, que tratam dos assuntos com maior contextualização e aprofundamento, o que nem sempre é possível no jornalismo diário. Entretanto, é importante observar que por fazer parte de um programa de assuntos tão variados, a grande reportagem se encontra no meio de outros temas como novelas, futebol, beleza, comportamento, que têm o papel de proporcionar ao público um espaço de lazer. A grande reportagem, no Fantástico, se dirige a um público igualmente diverso, acostumado com uma programação mista que tanto informa quanto diverte.

3.3 Sônia Bridi

Sônia Bridi nasceu no município de Caçador, no oeste de Santa Catarina, no dia 13 de novembro de 1963⁶. Com apenas 14 anos, começou a trabalhar com o jornalismo, escrevendo uma coluna no periódico local A Imprensa Catarinense. Após se mudar para Florianópolis e trabalhar como editora, produtora e redatora na Rádio e TV Barriga Verde e na sucursal do Grupo Bandeirantes, Sônia Bridi foi contratada pela RBS, afiliada da Rede Globo, em 1984. Foi editora e coordenadora do interior do RBS Notícias. Tornou-se repórter na época em que entrou na faculdade de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. No segundo semestre do curso, Sônia Bridi já fazia reportagens para os telejornais da Rede Globo: primeiro para o jornal Hoje e o Jornal da Globo, e depois para o Bom Dia Brasil, o Fantástico e o Jornal Nacional.

Em 1991, Sônia Bridi foi convidada a atuar no Rio de Janeiro pela Rede Globo. A partir daí, realizou diversas coberturas importantes que tratavam tanto de assuntos da dura realidade social da cidade, como a chacina da Candelária e da favela Vigário Geral, quanto de grandes acontecimentos mundiais. Fez parte da equipe de jornalistas que transmitiram pela Globo a Copa do Mundo de 1994 nos Estados Unidos.

Em 1995, Bridi foi convidada para ser correspondente internacional da Rede Globo. Trabalhou primeiramente no escritório da emissora em Londres e depois em Nova York, onde conheceu seu marido e parceiro de trabalho, Paulo Zero. Desde então, o cinegrafista é o autor das imagens da maioria das reportagens de Sônia Bridi. A dupla foi responsável pela implantação da base da Rede Globo em Pequim. Realizaram reportagens especiais no Peru e na Índia e, após, foram transferidos para o escritório da Globo em Paris.

De volta ao Brasil em 2009, Paulo Zero e Sônia Bridi apresentaram ao Fantástico o projeto de uma série de reportagens sobre o aquecimento global. Depois da cobertura da Conferência das Nações Unidas para o Clima, em Copenhague, a COP 15, os repórteres sentiram-se incomodados com a postura dos líderes mundiais ao não se comprometerem com a contenção de gases que agravam o efeito estufa.

Depois de cobrirmos várias Conferências do Clima desde a Rio 92, de entrevistarmos dezenas de especialistas, muitos autores dos relatórios do IPCC (Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas da ONU), de viajarmos para muitos lugares onde as mudanças já são visíveis e afetam milhares de pessoas, Paulo e eu sabíamos que empurrar o problema para frente não faz com que ele deixe de existir. Mas de alguma forma o resultado

⁶ Sônia Bridi contou sua história em entrevista ao Memória Globo, em 2009. O artigo foi publicado em 2012 pelo projeto. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com>>

de Copenhague parecia ter tirado o sentido de urgência da questão. Discutir a mudança do modelo de produção e consumo em plena crise econômica é tarefa quase impossível. Mas nós queríamos manter o assunto em pauta. (BRIDI, 2012, p. 12)

A série Terra, que tempo é esse? teve nove reportagens exibidas pelo Fantástico. Bridi e Zero percorreram doze países para mostrar os efeitos visíveis do aquecimento global. As reportagens deram origem ao livro Diário do Clima, em 2012. Na mesma época de lançamento da obra, Bridi e Zero voltaram ao Fantástico com a série que é o objeto de análise desta pesquisa, Planeta Terra: Lotação Esgotada.

A questão ambiental tornou-se uma marca registrada do trabalho de Sônia Bridi. Por vezes, ela viaja com Paulo Zero para realizar reportagens especiais para o programa Fantástico e, em outros momentos, assina matérias de parceria da Rede Globo com a britânica BBC.

3.4 Corpus

Este trabalho se propõe a identificar os sentidos produzidos pela série Planeta Terra: Lotação Esgotada sobre ações ambientais em oito países – China, Índia, Estados Unidos, Indonésia, Brasil, Ruanda, Quênia e Angola. A série, apresentada de 20 de maio a 24 de junho de 2012 no programa Fantástico, tem reportagem de Sônia Bridi e imagens de Paulo Zero; foi criada no contexto da Rio+20 e leva o selo oficial do evento na vinheta que antecede as cabeças da reportagem.

A Rio+20, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, aconteceu entre os dias 13 e 22 de junho de 2012 no Rio de Janeiro com a presença dos Estados-membros da ONU, representantes da sociedade civil e organizações não governamentais. O objetivo da Rio+20 era definir a agenda para o desenvolvimento sustentável dos países para as próximas décadas, além da renovação do compromisso político com o meio ambiente, avaliando o progresso e os desvios na implantação de decisões pelas principais cúpulas, além do tratamento de temas novos e emergentes. O evento culminou com a assinatura de um documento denominado “O futuro que queremos”, que reafirmou o compromisso dos Estados-membros com o meio

ambiente, apesar de ter sido concluído com reservas por governantes de diversos países⁷.

A série Planeta Terra: Lotação Esgotada traz na sua constituição essa proposta de entender como se dá o compromisso político de diversos países com a questão ambiental, nesse contexto em que muitas pessoas ainda não têm acesso aos recursos fundamentais: saneamento básico, alimentação, moradia, água tratada, e eletricidade. Ao unir meio ambiente e sociedade, o objetivo da série é investigar quantas pessoas a Terra pode abrigar, tendo em vista que a população mundial aumenta cada vez mais. Para isso, Sônia Bridi e Paulo Zero foram aos cinco países mais populosos do mundo – China, Índia, Estados Unidos, Indonésia e Brasil⁸ – e também a três países da África – Ruanda, Quênia e Angola –, que é o continente que mais cresce.

Formam o *corpus* de análise desta pesquisa os seis episódios que compõem a série, que serão identificadas pelas palavras-chave, entre parênteses, conforme a tabela abaixo:

⁷ De acordo com um artigo na página brasileira da ONU na Internet, países como Bolívia, Venezuela, Equador, Canadá, Estados Unidos, Islândia e até o Brasil demonstraram insatisfação com alguns pontos presentes no documento, como, por exemplo, a definição da economia verde, a racionalização dos recursos energéticos, o direito à água e os direitos reprodutivos. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/rio20-termina-e-documento-final-o-futuro-que-queremos-e-aprovado-com-elogios-e-reservas/>>

⁸ China, Índia, Estados Unidos, Indonésia e Brasil aparecem, nesta ordem, na lista da ONU de países mais populosos no *World Population Prospects, the 2010 Revision*. O ranking considera os Estados-Membros da ONU e é calculado de acordo com o número total de habitantes e não pela densidade demográfica, ou seja, pelo número de habitantes por quilômetro quadrado. Disponível em: <<http://esa.un.org/wpp>>

	Reportagem	Palavra-chave	Data de exibição	Tempo de duração
1	China e Ruanda enfrentam problema da superpopulação	Superpopulação	20/05/12	11'36
2	Lotação esgotada: 925 milhões de pessoas no mundo passam fome	Fome	27/05/12	10'35
3	Mais de um bilhão de pessoas não têm eletricidade em suas casas	Energia	03/06/12	11'21
4	Um bilhão de pessoas no mundo não têm acesso à água limpa	Água	10/06/12	11'03
5	China vai construir uma cidade do tamanho de RJ e SP por ano até 2033	Moradia	17/06/12	11'02
6	São Paulo consome 10 mil toneladas de alimento por dia	São Paulo	24/06/12	10'42

Exceto no último episódio – específico sobre a cidade de São Paulo –, as reportagens mostram experiências em diferentes países sobre um mesmo assunto. A repórter Sônia Bridi procura em cada reportagem apresentar contrastes: quando trata da vida em um país de economia estável, acrescenta como contraponto as dificuldades encontradas por populações mais pobres. Cada reportagem começa com uma introdução sobre o respectivo assunto e com dados que servem para mostrar o quanto a população está aumentando e, portanto, consumindo mais recursos naturais. O episódio do dia 3 de junho, por exemplo, começa ilustrando o problema da falta de eletricidade diante do aumento da demanda: “O consumo de energia no mundo dobra a cada 20 anos. No entanto, mais de um bilhão de pessoas ainda não têm eletricidade em suas casas”. A introdução dá ao telespectador uma visão geral e é seguida pela vinheta da série.

A série de reportagens foi analisada criticamente, considerando tanto o discurso textual quanto o visual. Um dos primeiros apontamentos desta pesquisa foi a utilização constante do termo “família humana” – por vezes substituído por “humanidade”. As expressões aparecem principalmente nas cabeças das matérias, no texto introdutório – que antecede a vinheta da série – e na mensagem final das reportagens. O termo “família humana” é significativo, pois carrega o sentido de irmandade, ou seja, a

conotação é de que os seres humanos formam uma unidade: por serem da mesma espécie, são todos iguais e precisam uns dos outros na vida contemporânea.

Apesar dessa ideia – que é introduzida logo na primeira reportagem –, foram encontradas categorias de análise que se contrapõem à existência da família humana, sugerida pela repórter. Através da análise, é possível identificar segregação das populações, dentro do contexto de procura por soluções ambientais. Os sentidos predominantes mostram que as populações de diferente países são tratadas na série por suas diferenças e não há a união mundial proposta em alguns momentos nas reportagens. São quatro as formações discursivas estabelecidas nesta pesquisa: *os inovadores*, *os sobreviventes*, *os esbanjadores* e *os trabalhadores*. Essas formações discursivas dizem respeito aos países retratados na série – é preciso ressaltar que o programa estende os sentidos às populações que os formam: chineses, ruandeses, quenianos, angolanos, indianos, indonésios, estadunidenses e brasileiros. A análise dessa pesquisa vai trabalhar, portanto, com o conceito de países e de populações, demarcando claramente que as ações ambientais são consequência de condutas políticas e culturais.

As sequências discursivas de cada categoria aparecem de forma recuada na página, em corpo 11, entrelinhamento simples, introduzidas por travessão. As partes destacadas em negrito são os sentidos dominantes que justificam as formações discursivas encontradas na análise.

3.5 Formação de sentidos

3.5.1 Chineses, os inovadores

A China, o país mais populoso do mundo – com 1,34 bilhão de habitantes – é apresentado aos telespectadores como dono de uma cultura milenar e unidade racial singular. No texto de Sônia Bridi e também nas imagens de Paulo Zero a China é retratada com grandiosidade. Uma potência construída com base na tradição e nas ações governamentais. Nesse sentido, a tradição não aparece como sinônimo de

conservadorismo, mas sim de reconhecimento da cultura, do seu lugar no mundo, o que impulsiona a organização e a procura por crescimento.

– Uma **civilização de cinco mil anos**, e uma **unidade racial** que faz do estrangeiro verdadeiramente um estranho. (Superpopulação)

– Nos anos 60, 30 milhões de chineses morreram de fome. Mas a China **enriqueceu e fez do mundo o seu quintal**, pra todo o tipo de produto: do aço aos alimentos. (Fome)

Após vincular a China com a força e a tradição, percebe-se a construção do sentido sobre o meio ambiente que é dominante no discurso da série sobre o país: a inovação. As reportagens mostram exemplos na vida da população e nas ações do governo do país que corroboram com a ideia de que os chineses são inovadores. A China encontra soluções para garantir a melhoria de vida em um território que abriga tanta gente.

– Há 34 anos, com a população chegando a 1 bilhão, o governo chinês tomou uma **decisão dura**. Passou a ter um **controle rígido de natalidade** que ficou conhecido como a política do filho único. **Sem ela** o governo diz que hoje teria 400 milhões de habitantes a mais. **Dois brasis inteiros para alimentar, educar, vestir, abrigar**. E se o **país inteiro reconhece os benefícios** desta medida, para cada família chinesa ela representa um **imenso sacrifício**. (Superpopulação)

– O controle populacional foi uma das **estratégias de desenvolvimento** da China, que **em três décadas saiu da miséria para se tornar a segunda potência econômica mundial**. (Superpopulação)

A política do filho único pode ser considerada como uma ação governamental inovadora. A rígida lei modificou a estrutura familiar no país, o que possibilitou o crescimento econômico e a consequente competitividade no cenário mundial. Isso mostra que a China precisou olhar adiante: tomar medidas, até mesmo, drásticas, mas pelo bem do desenvolvimento do país no futuro.

A inovação é resultado da união entre tradição, ambição e criatividade. Essa equação também está presente nos exemplos mostrados ao longo das reportagens sobre a vida do cidadão chinês. Na família de Chunguang Zhou, a possibilidade de ter só um filho representa o esforço dos cidadãos para se adequar aos limites impostos pelo governo, quando, na verdade, ambicionam mais.

– Ela [a filha] é uma **fonte interminável de orgulho** para a família. Quatro anos, é **cuidada e estimulada** pelos pais e avós. A mãe do pai até mora na mesma casa. Pela lei, o arquiteto Chunguang Zhou deveria se dar por contente. Mas **ele quer mais**. Ele acha injusto não poder ter outro filho. Um menino. [...] Ele explica: “Sou de **família tradicional** e na China é o filho homem quem cuida dos pais na velhice”. O casal pode ter um segundo filho, pagando uma taxa que varia de acordo com a renda familiar. No caso deles, por volta de 20 mil reais. “**Estou trabalhando duro** para conseguir esse dinheiro, afirma o arquiteto”. (Superpopulação)

Mesmo com a política de controle de natalidade, a população chinesa cresce mais que a brasileira, de acordo com a repórter. Os chineses são responsáveis por grande parte da demanda por recursos do planeta. A série de reportagens cita o fato que os chineses são os maiores poluidores do mundo: só a China supera os Estados Unidos na quantidade de gases liberados responsáveis pelo efeito estufa. Entretanto, o que predomina nas reportagens é a ênfase na capacidade de criação de soluções ecológicas no país.

– Sob um céu de chumbo, carregado de poluição, sobe uma **cidade ecológica**. **Tem tudo**: escolas, prédios de escritório, shoppings centers. Os moradores vão **gastar 40% menos em energia e água** do que em prédios normais. E ainda vão **gerar 20% da eletricidade que consumirem**. **Não há um prédio que não seja coberto de painéis solares**. (Moradia)

– Ao longo da avenida de acesso, uma **usina completa**. E turbinas eólicas, que jogam energia para carregar os ônibus elétricos. **Sobre cada poste, uma placa solar e uma miniturbina**. E essa é uma solução **bem esperta**. Porque no inverno os dias são geralmente nublados. E aí não dá para depender de energia solar. (Moradia)

Com os exemplos das inovações projetadas pelos chineses, é possível observar que o discurso sugere que o governo do país está fazendo a sua parte para suavizar o impacto ambiental provocado pelo consumo de uma população tão grande.

– Essa é só a primeira de **500 cidades ecológicas que o governo chinês pretende construir** nos próximos anos. E assim **diminuir o impacto** do seu imenso projeto habitacional. A China, nos próximos 20 anos, vai construir 10 milhões de moradias por ano. É como construir a cada ano uma cidade do tamanho do Rio e outra do tamanho de São Paulo. (Moradia)

Nos momentos em que a repórter fala de inovação a favor do meio ambiente, a trilha sonora e as imagens reforçam os sentidos referentes à tecnologia. Imagens de prédios de arquitetura imponente apontam que a tendência na China é pensar no futuro. Segundo a reportagem, o país é inovador por investir em soluções sustentáveis.

– “Como outros países industrializados, a China deixava o ambiente em segundo plano. **O crescimento era o que importava, mas agora eles lideram na economia verde**”. [diz o ambientalista Maurice Strong]. (Energia)

– A 500 quilômetros de Pequim, o Vale Solar é o **cartão de visitas desse esforço**. Não faltam **exemplos grandiosos**, como o hotel **completamente abastecido** por energia solar. (Energia)

– O governo **incentiva a produção e obriga** cada nova construção a instalar os aquecedores solares para água. Tubos de vidro, **mais eficiente** do que os painéis. Assim, uma família chinesa **consegue ter água quente** em casa com um investimento equivalente a **apenas 200 reais**. E o **impacto na produção** de energia elétrica é **imenso**. (Energia)

A preocupação ambiental está atrelada ao crescimento econômico na China. Segundo o discurso, a China consegue resolver os problemas de infraestrutura e de desenvolvimento sem abrir mão do cuidado com a natureza. A capacidade de resolver deficiências em diferentes áreas constitui o caráter inovador do país.

– **Até nos prédios, os tubos revestem** a face voltada para o sol. Já essas **placas são para gerar eletricidade. Podem ser usadas em residências, prédios, ou em parques solares que jogam a energia na rede elétrica**. A China **já é o maior produtor do mundo**. (Energia)

– A China consegue ser **mais competitiva** por causa da **escala de produção. Fabricando painéis aos milhões, conseguiu fazer com que o preço caísse** para apenas um terço do que era há apenas cinco anos. (Energia)

– Mesmo assim, a energia solar ainda é a mais cara do que a produzida por termelétricas ou usinas hidrelétricas. Mas por quanto tempo? O responsável pelo Vale Solar diz que **o país investe em energia limpa porque não quer perder o que será o grande negócio do futuro**. (Energia)

Ambição que impulsiona a busca por crescimento. Segundo o discurso da série, os chineses sabem onde querem chegar e inovam para alcançar os seus objetivos.

– Um chinês ainda usa em média apenas 20% da energia gasta por um americano. Mas **tem as mesmas ambições: criar empregos, combater a pobreza, viver com conforto.** (Energia)

Na série de reportagens não há um questionamento maior em relação às consequências do crescimento vertiginoso da população chinesa. O telespectador compreende a dimensão da população através dos números, das imagens e do efeito de edição que mostram chineses caminhando em movimento acelerado nas ruas. Porém, os impactos provocados pelo fato de tamanha população consumir alimentos, energia, água, produzir lixo e poluição não são aprofundados.

– O temor agora é o que vai acontecer com o preço da comida, **quando 1 bilhão e 300 milhões de chineses se sentarem na mesa para comer bem.** O analista Arthur Kroeber diz que os chineses vão puxar para cima o preço dos alimentos. Vão importar do mundo todo mais carne e mais grãos. (Fome)

– O país [a China] que passa pelo **maior processo de transferência de gente do campo para a cidade da história da humanidade.** Hoje são 750 milhões de chineses nas cidade. Até 2030 serão um bilhão. (Moradia)

A questão da superpopulação na China é justificada pelas políticas do governo de controle do país e pelas ações de sustentabilidade. As sequências que tratam do tamanho da população e do fenômeno de crescimento das cidades chinesas são seguidas de soluções, de exemplos de esforço e disciplina já enraizadas na cultura do país pela força da tradição. A China é retratada como uma civilização tradicional que se tornou uma potência econômica e que cresce ao inovar. Além disso, é possível inferir que os feitos dos chineses deveriam servir de modelo para as outras populações – que são igualmente estereotipadas dentro do discurso ao longo da série.

3.5.2 Estadunidenses, os esbanjadores

A visão de uma forma de vida insustentável dos estadunidenses é outro sentido dominante na série Planeta Terra: Lotação Esgotada. Um país rico, de ostentações, e uma população acostumada a ter tudo do bom e do melhor. Assim como nas demais categorias apresentadas ao longo deste trabalho, aqui os sentidos produzidos sobre população e país se complementam. De acordo com o discurso da série, o consumismo faz parte da cultura dos Estados Unidos e, portanto, da população; uma característica incompatível com a reserva de recursos naturais do planeta. Esse é um sentido introduzido já no início da primeira reportagem, quando a repórter apresenta o questionamento que é a proposta da série: afinal, quantas pessoas a Terra pode suportar?

– Se formos todos viver igual às pessoas da Índia, não teria problema. Poderíamos chegar aos 15 bilhões de habitantes. Por outro lado, **se todos vivêssemos como os americanos, já estaríamos encrencados. É que com o padrão de vida dos Estados Unidos, a Terra só suportaria 1 bilhão e meio de habitantes.** (Superpopulação)

Os estadunidenses são retratados na série como esbanjadores, ao abusarem da natureza para manter o seu alto padrão de vida. A repórter apresenta dados para mostrar que o país é responsável pelo uso inconsequente dos recursos disponíveis hoje.

– **Com apenas 5% da população do planeta, os Estados Unidos consomem 23% de toda a energia e jogam um quarto dos gases responsáveis pelo efeito estufa.** (Energia)

A fala da repórter com os dados sobre o consumo de energia pelos estadunidenses é acompanhada por imagens de prédios e monumentos iluminados de Las Vegas, com painéis de diversas cores, além de fontes decorativas que jorram água pelo ar. A abundância de luz e de água como forma de ornamentar a cidade é uma representação do excesso de consumo existente no país.

Ao longo da série, Sônia Bridi apresenta exemplos de uso irracional da natureza pelos Estados Unidos. Desta forma, é possível inferir que o discurso referente à população estadunidense carrega os sentidos de irresponsabilidade e ostentação que configuram o significado maior de esbanjamento.

– Las Vegas, Estados Unidos. Erguida **no meio do deserto, tem água abundante, campos de golfe irrigados.** Com o número de habitantes

chegando a 2 milhões, mais 40 milhões de visitantes por ano, **viu a fonte começar a secar.** (Água)

O relato sobre a relação de Las Vegas com a água continua com a repórter dizendo que o recurso tornou-se escasso na represa de Hoover, responsável por abastecer a cidade. Foi preciso implementar um sistema de tratamento de esgoto para que não faltasse água em Las Vegas, devido à grande demanda. Mesmo quando a série mostra um movimento dos estadunidenses para beneficiar a natureza, a necessidade do consumo continua predominante no discurso.

O consumo de alimentos é um dos aspectos do padrão de vida nos Estados Unidos retratado na série pela ideia de exagero. Além da questão ambiental – a comida que não é consumida acaba indo para o lixo – a grande quantidade de alimentos à disposição da população aparece também como prejudicial à saúde.

– Do outro lado do mundo, **o maior problema de saúde pública é comida demais. Um norte-americano consome em média o dobro de calorias a que um indiano tem acesso.** Mais da metade da população dos Estados Unidos está **acima do peso.** E **engordando cada vez mais.** (Fome)

– A relação deles com a comida é bem ilustrada neste buffet em Las Vegas. **Por apenas 30 dólares,** o equivalente a menos de 60 reais, **a pessoa pode, em um espaço de 24 horas, comer em qualquer restaurante da rede; comer o que quiser e quanto quiser.** O resultado é que elas **acabam comendo mais do que precisam.** Em média **um quilo e meio por refeição, quase 5 quilos ao final das 24 horas,** em café-da-manhã, almoço, jantar e lanchinhos nos intervalos. (Fome)

O sentido de ostentação neste episódio é intensificado pelos dados que a repórter apresenta e, principalmente, pelas imagens que mostram comida em grande quantidade.

– Os números só deste buffet **são assustadores. Cem metros de balcão de comida. Consumo diário de 250 quilos de purê de batata, 1.500 ovos, 300 quilos de carne só no balcão de grelhados, 600 quilos de pata de caranguejo.** O chef diz que é um desafio preparar toneladas de comida por dia. Quero saber se as pessoas deixam comida no prato e ele confirma. **De 300 a 400 quilos vão para o lixo todos os dias.** (Fome)

A reportagem sobre moradia cita um bom exemplo dentro dos Estados Unidos: Nova York. A cidade tem o modelo correto de habitação por concentrar tanta gente em

um pequeno espaço, com a construção de verdadeiros arranha-céus. Segundo a série, a cidade com muitos prédios acaba por ocupar um território menor, centralizando os recursos necessários à população. O exemplo de Nova York é mostrado rapidamente na reportagem. As consequências negativas do modelo de concentração populacional não são questionadas: não há espaço nas grandes cidades para o lixo produzido pelos moradores que, geralmente, é enviado a outros lugares, por exemplo.

Mesmo considerando Nova York como modelo na organização do espaço urbano, o discurso logo traz outro exemplo de utilização da natureza de forma inconsequente: a maneira como foi construída a cidade de Los Angeles.

– Nisso Nova York é exemplo. Manhattan, com sua grande densidade, faz o certo, diz a diretora do programa das Nações Unidas para a habitação. Mas ela alerta que estamos perdendo isso com a construção de **subúrbios nada sustentáveis. Como os de Los Angeles**, do outro lado do país, não por acaso **muito poluída. A megacidade espalhada obriga as pessoas a percorrer grandes distâncias de carro.** (Moradia)

Tudo aquilo que faz parte do comportamento dos estadunidenses e que prejudica o meio ambiente, é motivo de preocupação, já que se reflete no padrão de vida em outros países. Os sentidos produzidos nas reportagens tomam os Estados Unidos como má influência no cenário mundial.

– O **problema** é que o **padrão de vida americano é a aspiração** de muitos povos ao redor do planeta. (Superpopulação)

Há, entretanto, uma exceção apresentada na reportagem sobre moradia, que contradiz o sentido de que os estadunidenses são esbanjadores. A repórter Sônia Bridi apresenta ao telespectador uma cidade sustentável, localizada no estado do Novo México. As casas do local, feitas com paredes de pneus e barro, foram construídas para fornecer e reaproveitar os recursos necessários: água, luz, aquecimento. As imagens feitas pelo cinegrafista mostram um lugar coberto de areia, quase inabitado. A cidade parece não pertencer ao território dos Estados Unidos.

– **No meio do deserto**, uma **sociedade alternativa** que gosta de ser chamada de hippie chique. São 70 casas que não tiram nem energia nem água da rede. (Moradia)

A repórter apresenta diversas soluções encontradas para a questão do saneamento e da eletricidade nas casas ecológicas. A água utilizada, por exemplo, é a da chuva, utilizada para a descarga dos banheiros e depois tratada por um sistema de filtro artesanal, tornando-se própria para o consumo novamente. O exemplo desta cidade sustentável mostra que é possível criar alternativas para o uso mais correto dos recursos naturais. No entanto, trata-se de uma exceção na sociedade estadunidense. O discurso da reportagem constrói o sentido de que a vida nesta cidade do Novo México não condiz com o padrão contemporâneo de consumo no país, que é o do excesso e do desperdício.

3.5.3 Ruandeses, angolanos, quenianos, indianos e indonésios, os sobreviventes

A categoria dos sobreviventes é a maior e mais frequente nas reportagens de Sônia Bridi. Tanto a população da Índia e da Indonésia, do continente asiático, quanto habitantes de três países do continente africano – Ruanda, Angola e Quênia – são apresentados ao longo da série através de exemplos de superação, de enfrentamento das adversidades. O sentido de sobrevivência é significativo pois está presente no texto e nas imagens que retratam cinco dos oito países visitados pelos repórteres. Populações diferentes, mas que enfrentam o mesmo desafio diário: conseguir acesso aos recursos básicos, como alimento, água tratada e eletricidade.

A sobrevivência, em seu sentido literal de experiência de escapar da morte, está presente em momentos na série que lembram a guerra em alguns países. São passagens fortes que atentam para a proximidade do ser humano com a sua condição de animal, suscitando sentimentos como a compaixão diante da situação de irracionalidade.

– Estamos em Luanda, capital de Angola. **Há apenas dez anos o país saiu da guerra civil, que deixou meio milhão de mortos. Metade da população tem até quinze anos.** (Moradia)

– Em meio aos jardins da Ruanda de hoje, é difícil acreditar que **há apenas 18 anos** esse país foi **palco do massacre de quase um milhão de pessoas.** (Superpopulação)

Nesse último exemplo, a repórter cita os jardins de Ruanda, enquanto caminha por um lugar arborizado, mas que logo o telespectador percebe não se tratar de um ambiente acolhedor. A repórter completa, direcionando o olhar do público:

– Estas são **covas coletivas de vítimas** no **Museu do Genocídio** aqui em Kigali. Testemunhas da **brutalidade** que começou com o pretexto de **diferenças étnicas**, mas que era, principalmente, a **disputa por terra e recursos**. (Superpopulação)

A proximidade da morte é reforçada na continuação da reportagem que se propõe a fazer um panorama da guerra em Ruanda. Imagens de arquivo mostram guerrilheiros avançando pela vegetação, tiros, corpos de pessoas na beira da estrada e animais mortos. A trilha sonora tensa, propícia para o cenário de luta, e o efeito da edição, que descolore as imagens, contribuem para intensificar o texto sobre a guerra.

– **Vizinhos contra vizinhos**, o **assassinato brutal** dos tutsis pelos hutus. **Em poucos dias, um em cada dez ruandeses estava morto**. (Superpopulação)

É nesse cenário de guerra que é possível identificar outro sentido relacionado à sobrevivência: a ameaça de extinção de animais. Nessa mesma reportagem, os gorilas aparecem como sobreviventes. Eles fazem parte da população e estão incluídos no contexto de guerra. Entre tutsis e hutus, os gorilas são também ruandeses vítimas da disputa no país.

– Nas montanhas, **outro massacre: o dos gorilas**. **Caçados para virar souvenir** e com **suas florestas destruídas** para dar lugar a plantações. Eles chegaram à **beira da extinção** porque o **povo precisava comer e recorria ao que tinha à mão**. (Superpopulação)

O risco de extinção está também presente entre os orangotangos indonésios. Na reportagem sobre energia, a plantação de palma de dendê na Indonésia, utilizada para a produção de biocombustível, é apresentado como perigo para a preservação da espécie devido ao desmatamento. Os orangotangos, assim como o resto da população do país, precisam encontrar formas de driblar as adversidades para sobreviver.

– **O dendê está expulsando também os homens da floresta**. É isso o que significa orangotango na língua local. Este centro de recuperação tem 600 animais. O biólogo responsável diz que metade foi capturada nas plantações de dendê. A outra, trazida por moradores dos assentamentos. Eles chegam **desnutridos e doentes**. Tratados e vacinados, eles precisam **reaprender a vida na selva**. No

hospitalzinho encontramos três bebês que **talvez nunca tenham essa chance** (Energia).

A repórter explica que quando nascem em cativeiro, geralmente, os bebês orangotango são rejeitados pela mãe e, por isso, podem passar a vida toda nos hospitais.

– Os que completaram o treinamento têm seu primeiro **teste de sobrevivência**. Numa ilha do rio, **os primeiros passos em liberdade**. É um ambiente de selva, mas eles ainda recebem comida uma vez por dia dos cientistas, que ficam sempre de olho. Mas assim eles vão **aprendendo a se virar sozinhos**. (Energia)

O limite entre a vida e a morte está presente também no discurso da série sobre os indianos. A fala dos apresentadores Zeca Camargo e Tadeu Schmidt na cabeça da reportagem sobre a fome mostra o lado selvagem do ser humano, nesse caso, dos indianos, quando a falta de comida está em jogo.

– A repórter Sônia Bridi vai à Índia, o país que em menos de 15 anos será o mais populoso do planeta, e mostra que, **no desespero por comida, tem gente enfrentando até mesmo uma fera das selvas: o tigre de bengala**. (Fome)

Dessa vez, o tigre é apresentado não como sobrevivente, como os animais citados anteriormente, mas como perigo que põe em risco a vida dos indianos. Sônia Bridi conversa com um homem que esteve cara a cara com o animal, o que quase lhe custou a vida. A família de Mondal é sobrevivente na luta contra a fome.

– Susanta Mondal, pai de dois meninos, entrou na floresta para tentar pegar caranguejos. A mulher tentou impedi-lo. Conta que num sonho, a deusa da floresta avisou do **perigo. Mas a família precisava comer**. Mondal ainda estava no barco quando **o tigre atacou**. Virou a embarcação. **Durante 25 minutos, ele lutou contra o maior felino do mundo. Não sabe como conseguiu escapar. Ficou semanas entre a vida e a morte. Perdeu um olho. Ganhou marcas das garras que nunca sairão do seu corpo**. (Fome)

Os indianos que vivem nas ilhas de Sunderbans – habitat do tigre de bengala – precisam enfrentar todos os anos outro tipo de perigo: as tempestades que fazem as águas dos rios Ganges e Brahmaputra avançarem sobre a terra habitada.

– Uma **luta interminável contra as forças da natureza**. A estação das cheias está chegando e os moradores do maior mangue do mundo **tiram argila do leito do rio**, na maré baixa, e **constroem diques**. **Reforçam** os que já existem. Barreira de argila compactada, **para enfrentar a fúria da água e do vento**. (Fome)

O sentido produzido sobre a natureza na reportagem sobre a fome é o de perigo. Aqui, o meio ambiente não precisa ser preservado, mas dominado, para que a vida humana mantenha o seu curso.

– Um lugar que **não parece feito para a vida humana**, mas **quatro bilhões de indianos arrancam desta lama o seu sustento**. (Fome)

– Nos Sunderbans, **conter o rio é questão de vida e de morte**. Acontece que agora quando a maré está alta, o nível da água já está acima do nível da vila e dos campos com as plantações. Quando chegam as monções, as chuvas fortes, vêm também as tempestades. E se durante essas tempestades o dique for rompido, a **água salgada do rio pode invadir os campos e matar todas as plantações**. Isso significa **um ano inteiro de fome pela frente**. Porque **nessa parte do mundo, quem não tem o que colher, também não tem o que comer**. (Fome)

Miséria e falta de recursos são sentidos recorrentes no discurso da série sobre as populações de sobreviventes, como os indianos e os quenianos.

– Vamos à **Índia, onde vive uma de cada três famílias pobres do planeta**. A **miséria contada em centenas de milhões**. Calcutá a metrópole dos **desabrigados, desesperançados**. Aqui **misérias** são diferentes. **Discriminadas pela sociedade e em casa, as mulheres são as pobres entre os pobres**. (Água)

– Estamos numa das maiores favelas do mundo. Kibera, em Nairóbi, no Quênia, tem **quase 1 milhão de pessoas sem água, sem esgoto, sem a mais básica das energias, fogo, para cozinhar**. (Energia)

Diante de uma realidade miserável, essas populações não alcançam o nível de desenvolvimento que permite nem o consumo básico para sobreviver, assim como não chegam a se preocupar com o meio ambiente e com o futuro do planeta, uma vez que precisam garantir os componentes mínimos para o sustento: alimento, moradia, emprego. O sentido de superação vem acompanhado do sentimento de esperança, como é caso do discurso da série sobre os ruandeses.

– Para Margarit, **foi tarde**, mas não impossível. **Órfã, cresceu nas ruas, onde se prostituía por um prato de comida. Foi resgatada grávida, com uma infecção que lhe custou uma perna. Mas o filho vai crescer seguro**, com um teto sobre a cabeça. (Água)

Apesar da pobreza ser dominante no texto e nas imagens sobre essas populações ao longo das reportagens, outro sentido identificado é o da melhoria de vida. A conquista que permite o acesso aos recursos básicos condiz com a ideia de superação. Segundo as reportagens, quando se tem força para lutar pela sobrevivência é possível obter uma melhoria nas condições de existência. Essas melhorias no discurso da série, apesar de serem transformadoras para as populações, ainda são básicas: permitem a manutenção de uma vida digna.

– Estamos em Musanze, Ruanda, lugar de cumprimentos efusivos, onde **uma mulher de coragem está transformando as vidas de muitas outras**. Elas produzem bolsas e artesanato para vender para os turistas. “Queremos **criar uma fonte de renda para elas viverem sem precisar se prostituir**”, diz Seraphine. (Água)

A série mostra que, às vezes, além da força de vontade, é necessária uma ajuda externa. Programas do governo ou de iniciativas privadas contribuem para a melhoria de vida de pessoas em situação de pobreza. É o caso dos exemplos mostrados em Angola, de incentivo ao turismo, e na Índia, de um programa de empréstimo de dinheiro para mulheres.

– A vilinha ao pé da montanha é a **primeira beneficiada** com o programa que aplica nas comunidades a taxa de ingresso dos turistas do parque. O equivalente a mil reais por pessoa. Assim, eles **compram melhores sementes** para as lavouras. A **produtividade quase dobrou** nos últimos dez anos. (Superpopulação)

– Às vezes é **preciso mais do que coragem e um dinheirinho**. Sahani **havia sido abandonada pelo marido. Estava morando na rua com os três filhos. Sem profissão e analfabeta**, ela e as crianças **só comiam quando ganhavam alguma esmola**. Nessa situação de **extrema miséria** o microcrédito não serve pra nada, ela não saberia nem o que fazer com o dinheiro. Foi aí que entrou um outro trabalho do grupo em identificar algum talento. Esse talento era cozinhar. O pão frito é um sucesso no bairro. **Para entender o quanto Sahani melhorou de vida, é preciso pensar que ela e as crianças não tinham sequer um teto sobre a cabeça**. (Água)

É possível identificar na série o discurso de que as populações de sobreviventes são formadas por pessoas corajosas e sonhadoras, que acreditam que a falta de recursos será superada.

– **Ainda são tão pobres** que o **único brinquedo na casa são coelhinhos de verdade e doentes**. Mas **Sahani tem certeza de que tudo vai mudar para melhor**. Já planeja comprar **uma casinha fora da favela**. (Água)

– [Em Angola] é na calçada que Teresa vende a mercadoria trazida de São Paulo, Brasil. Ela é sacoleira transcontinental, **mas sonha mais**. “**Ter uma boutique famosa** que aparece na televisão, isso **sempre foi o meu sonho**”. [...] “**Ver o filho formado, ser alguém na sociedade**” [completa Teresa]. (Moradia)

Apesar da situação de miséria de muitas famílias, a série mostra que as populações têm sensibilidade e recebem bem os visitantes.

– Um líder comunitário é nosso guia [em Kibera, no Quênia], atravessando **as vielas cheias de esgoto, cercadas de miséria e de gente acolhedora**. (Energia)

Os gorilas ruandeses também são bons anfitriões, apesar de todos os perigos que já enfrentaram.

– Um pouco mais à frente, encontramos uma fêmea com um bebê de apenas 3 meses. O que mais impressiona é que, **depois de tanta matança, uma carnificina que levou essa espécie até perto da extinção, essa mãe com um bebezinho permita que uma pessoa fique tão perto, sem se sentir ameaçada**. (Superpopulação)

Animais e pessoas aparecem no mesmo nível de desenvolvimento no discurso sobre essas populações mais pobres. É importante observar que os animais não aparecem no discurso sobre os outros países que compõem as demais categorias de análise deste trabalho. Assim, eles têm o papel de reforçar a condição degradante de existência dessas populações. No entanto, o sentido de que animais e humanos são gentis, sonhadores e recebem bem os visitantes acaba abrandando o discurso da repórter sobre os problemas sociais e econômicos nesses locais.

Apesar de suas particularidades, a luta diária para viver com dignidade é o que as populações de Ruanda, Quênia, Angola, Indonésia e Índia têm em comum, de acordo

com a série de reportagens. É o que as diferenciam de chineses e estadunidenses, por exemplo. A melhoria do espaço social é a prioridade, é o principal desafio diante da realidade de aumento do número de pessoas no mundo e diminuição da reserva de recursos naturais do planeta. No discurso sobre os sobreviventes, o que mais preocupa não é a falta de cuidados com a preservação da natureza, mas sim a deficiência na distribuição dos recursos que, muitas vezes, não chegam aos que mais precisam.

3.5.4 Brasileiros, os trabalhadores

O espaço para os brasileiros na série Planeta Terra: Lotação Esgotada é diferenciado. O discurso apresenta uma dicotomia ao tratar da população: por um lado, os brasileiros desperdiçam e não cuidam da natureza, por outro, eles são trabalhadores e buscam uma vida melhor. A contradição é constante e faz parte do discurso sobre os brasileiros ao longo das reportagens. O Brasil é o país que tem deficiências, mas que produz e avança. O brasileiro é responsabilizado no texto da repórter pelos atos de descuido com os recursos naturais, porém é absolvido, quando o sentido dominante volta a aparecer: o esforço através do trabalho para a conquista de uma vida com mais conforto.

Os dois lados que formam o discurso sobre o brasileiro estão presentes logo no início do episódio cujo tema é São Paulo.

– [São Paulo] o maior espelho do **Brasil que dá certo e o retrato dos nossos fracassos**. (São Paulo).

Conforme essa sequência discursiva indica, a última reportagem da série, que mostra a vida em São Paulo, funciona como um recorte do Brasil. Por tratar de uma cidade que reúne pessoas de todas as partes do país e por abranger todas essas contradições conforme aponta o discurso da repórter, a reportagem sobre São Paulo é a que traz mais sentidos sobre a população brasileira. Apesar de São Paulo não representar o Brasil em toda a sua complexidade e diversidade, a repórter trabalha com essa simplificação.

– Em um **mundo de concreto, um resumo do Brasil**. A megacidade **acolhe** mais de 11 milhões. Metrópole de **migrantes e imigrantes, construída de esperança**. (São Paulo)

– “  uma cidade **construída por nordestino**. Então **tem gente da Bahia, do Piauí, do Maranhão, no meu caso, Ceará, Pernambuco...**” [diz o eletr cista José Augusto Soares]. (São Paulo)

É importante ressaltar que Sônia Bridi faz parte dessa popula o e são aos seus conterrâneos a quem ela se dirige. Isso significa que inevitavelmente há um envolvimento emocional maior com o objeto de seu relato. O olhar da repórter é um olhar de dentro da popula o e, por isso, seu discurso carrega todo o conhecimento, afetividade, história pessoal e os sentidos produzidos anteriormente sobre o seu país de origem⁹. O retrato construído do Brasil é o de país produtivo, de gente trabalhadora.

– No Brasil, **mega empresas agrícolas** mudaram a paisagem do campo. **Plantamos e colhemos com uma eficiência que não era nem sonhada há duas gera es**. Nelson Vigolo, **200 mil hectares de terra plantadas** em Mato Grosso, imagina o av , pequeno agricultor do Sul, diante dessa **grandiosidade**. “Ele ia falar: ‘Oh, bando de louco’”. (Fome)

O papel da popula o nos cuidados com a natureza fica em segundo plano, quando há um predomínio nas reportagens do sentido de produtividade brasileira. Nestas sequências discursivas, o meio ambiente está a serviço do crescimento do país.

– A loucura começou com o **avanço sobre o Cerrado e a Amazônia**. **A terra ocupada** para agricultura e pecuária no Brasil **mais do que dobrou em 40 anos**. **A mecaniza o, os defensivos agrícolas e fertilizantes, melhores sementes. Multiplicaram a produtividade**. Foi a revolu o verde brasileira. (Fome)

– De onde há 20 anos eram colhidas duas toneladas e meia de grãos, **hoje saem sete toneladas**. Aqui, **as colheitadeiras levam a soja, e outras máquinas vem atrás, plantando milho**. Em vez de **uma safra, duas por ano**, porque o ciclo entre plantio e colheita ficou menor. (Fome)

⁹ Essa é uma questão que a Análise de Discurso compreende muito bem. Orlandi (2012, p. 34) questiona: “Por que somos afetados por certos sentidos e não outros? Fica por conta da história e do acaso, do jogo da língua e do equívoco que constitui nossa rela o com eles. Mas certamente somos determinados por nossa rela o com a língua e a história, por nossa experiência simbólica e de mundo, através da ideologia”.

O discurso, portanto, defende a Revolução Verde e o aumento da produtividade brasileira. É importante ressaltar, como contraponto, que os benefícios dessa “revolução”, que aconteceu na década de 1960 e 1970, não são unânimes. Com a ocupação de uma área maior para a agricultura e a pecuária, e com o investimento em mecanização e insumos industriais, a produção de alimentos aumentou, contribuindo para suprir a demanda. Entretanto, segundo Moreira (2000), o modelo da Revolução é passível de críticas. O desmatamento, o uso de defensivos agrícolas e a consequente perda de biodiversidade e também a questão social – os alimentos não chegam a todos e o crescimento econômico de tal medida beneficia a poucos – são algumas das críticas levantadas. Esse questionamento não está presente na reportagem da série que trata do crescimento da pecuária e agricultura no país. É possível identificar a existência, no discurso, do Brasil que produz, ou seja, que é grandioso e eficiente. A produtividade brasileira está relacionada ao sentido de trabalho intenso para dar conta da demanda, que só aumenta.

– No continente **não há mercado maior** do que a Ceagesp [Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo], e **nem tão ativo**. Ceagesp é a porta pela qual entra em São Paulo **tudo que é de bom e do melhor produzido no Brasil inteiro**. Nem tudo o que passa pelo local fica na cidade, mas, ao final de 24 horas, o movimento do entreposto e o consumo de São Paulo se igualam: **10 mil toneladas de comida em 24 horas**. A Ceagesp **nunca fecha**. (São Paulo)

Diante de tanto trabalho, é possível observar uma melhoria de vida da população, entretanto, ainda que esse sentido seja apreendido quando em comparação a outras realidades mais duras. O sentido de que o brasileiro vive em condições de baixa qualidade de vida, mas não tão graves quando comparadas às de outras populações mais pobres é uma forma de amenizar os problemas sociais enfrentados no país.

– Na África, o número de favelados dobrou nos últimos 15 anos, já são 200 milhões, mais do que o total da população brasileira vivendo em condições **que fazem as comunidades pobres do Brasil parecer classe média**. (Moradia)

O trabalho pela melhoria da qualidade de vida é o que move a população brasileira. É preciso crescer no emprego, consumir, realizar os sonhos. Frente a essas

ambições, a preocupação com o meio ambiente fica em segundo plano, conforme mostram as reportagens.

– **Comida é só um dos desperdícios de São Paulo, que produz 18 mil toneladas de lixo por dia**, é tanto que não tem mais onde pôr. O lixo coletado vai para uma estação onde **é transferido** para caminhões maiores e levado para aterros em outros municípios. **Menos de 2% são reciclados oficialmente**. “**As cidade contemporâneas, em geral, geram muito lixo**”. (São Paulo)

– “Os brasileiros, de modo geral, **administram mal a comida**. A estimativa que existe é de que **da comida que entra dentro de uma casa 30% é perdido**” [diz o presidente da ONG Instituto Akatu, Helio Mattar]. Vai para o lixo porque **as sobras não são utilizadas** e por causa das **compras mal planejadas, os alimentos estragam** antes de serem preparados. (São Paulo)

Para se deslocar do trabalho para casa utiliza-se o carro, já que falta metrô nas cidades. O trânsito acaba se tornando insuportável e insustentável. A construção de sentidos mostra que há um custo que se tem que pagar na busca por crescimento. O meio ambiente é o maior prejudicado por essa constante busca por desenvolvimento de forma insustentável. Porém, a qualidade de vida também é afetada por essa equação.

– O carro, o indivíduo e a **via crúcis da volta para casa. Tem carro demais porque tem metrô de menos: apenas 74 quilômetros de linhas contra 400 quilômetros de Londres**, por exemplo. (São Paulo)

– Não é necessariamente a qualidade de vida que bota pressão sobre os recursos naturais. **São justamente as coisas que os paulistanos consideram insuportáveis que tornam a cidade insustentável. O trânsito e a falta de planejamento urbano**. (São Paulo)

Assim se forma a relação entre brasileiro e a sua cidade. A preocupação com o meio ambiente não aparece como prioridade na vida daqueles que trabalham para conquistar uma vida melhor. Entretanto, essa falta de consciência ambiental prejudica a qualidade de vida das pessoas, justamente o que elas mais buscam quando trabalham arduamente. É o caso de José Augusto Soares. Maranhense, mudou-se para São Paulo em busca de emprego e depois de muito trabalho tornou-se eletricitista. Trabalha diariamente em construções de novos prédios. A falta de recursos o faz questionar inclusive se deve ou não ter um filho.

– “Lá onde eu moro tem muita criança, muita criança mesmo. Aí eu fico pensando: **já está difícil para mim. Como vou pôr mais uma criança no mundo?**”. Ele mora no Jardim Felicidade, Zona Sul. “**Jardim Felicidade, mas de felicidade não tem nada aqui não tá?. Não é tão belo quanto o nome, tem problema de água aqui**”. (São Paulo)

Adriana Nunes Machado trabalha como engenheira civil na mesma obra em que José Augusto e, assim como ele, seu cotidiano também se torna penoso devido à insustentabilidade presente no dia a dia da cidade.

– “**Já cheguei a pegar três horas** [no trânsito]. Eu moro a 12 quilômetros. **Não é tão longe assim**. Só que o horário é que é complicado. Mas também é assim: são 7 milhões de carros na cidade de São Paulo” [conta a engenheira Adriana Nunes Machado]. (São Paulo).

– **A cidade faz rodízio de placas. E agora proíbe caminhões na hora de pico**. Mas quando a estrada vira rua e avenida, **o mundão chamado São Paulo fica pequeno, travado. Os congestionamentos contados em centenas de quilômetros**. (São Paulo)

– Um deles [lixo] é invisível. **O lixo tóxico** jogado pelas descargas de automóveis, caminhões e ônibus **chega a 550 toneladas por dia**. (São Paulo)

Para conquistar conforto na grande cidade é necessário muito trabalho. O esforço diário de luta contra o relógio, para atender à demanda da cidade que funciona 24 horas, é um dos sentidos centrais que caracterizam os brasileiros. O artificialismo dessa maneira de viver não combina com o ritmo da vida equilibrada com o seu meio ambiente. E cobra um preço alto.

– Ivan [caminhoneiro] **virou a noite na estrada. Direto** de uma fazenda em Minas Gerais, traz um ingrediente sem o qual São Paulo não passa. “Tomate italiano, esse é bom hein”. (São Paulo)

– **O dia está amanhecendo e o tempo apertando**. “**Nós temos uma programação** para chegar em São Paulo, em razão do trânsito, em razão da restrição de veículos” [complementa Ivan]. (São Paulo)

– **O ritmo frenético** que São Paulo impõe e a **paradeira no trânsito** criaram dois fenômenos paulistanos: os helicópteros – que **vão e vêm levando quem pode pagar pelo tempo** – e o motoboy – **que leva a vida contra o tempo**. (São Paulo)

As controvérsias existentes no discurso sobre São Paulo indicam a existência simultânea da escassez e da grande oferta. O Brasil, país grandioso, que dá condições para o crescimento, também restringe as oportunidades.

– Em São Paulo, há a **sensação de que não falta nada**. “Você tem os **melhores hotéis, os melhores hospitais. Você tem tudo de melhor aqui em São Paulo**” [afirma o analista de sistemas Wellington de Oliveira]. (São Paulo)

– **Onde há bons prédios, casas confortáveis, tem árvores. Mas as comunidades pobres são uma massa de concreto sem árvore, nem pracinha, nem espaço para criança brincar.** No município, **há apenas metade da área verde recomendada pela Organização Mundial da Saúde.** (São Paulo)

O país cresce e as necessidades que acompanham esse movimento também se modificam. O desenvolvimento e a renovação pedem novas formas de trabalho, ao mesmo tempo em que modificam as relações dos brasileiros com o meio ambiente.

– Adriana Nunes Machado e Wellington Nunes de Oliveira **almoçam no mesmo restaurante, mas não se conhecem.** Ele desenvolve programas de computador. A **tecnologia da informação é a nova indústria da cidade que vive se renovando.** A Vila Olímpia concentra essas **novas empresas exigindo cada vez mais prédios, mais infraestrutura.** Aí entra Adriana, engenheira civil, **coordenadora de uma obra ainda rara na região, com selo de construção sustentável.** (São Paulo)

É nesse contexto de procura por um espaço e por oportunidades que os brasileiros se adaptam e trabalham para conquistar as necessidades básicas da vida contemporânea.

– **Erguendo prédio, milhões constroem vida nova** em São Paulo. (São Paulo)

– “São Paulo eu acho **alegre, triste. É o meu sustento, minha alegria**” [afirma o motoboy Adalberto Pereira de Araújo]. (São Paulo)

– “**Gosto daqui, adoro a rotina daqui.** Às vezes em que voltei para lá [Maranhão], **sentí falta** daqui” [conta o eletricitista José Augusto Soares]. (São Paulo)

A expectativa de realização dos sonhos é um sentido complementar presente no discurso sobre a vida desses trabalhadores. A vida digna e o bem-estar familiar é para onde a atenção dessas pessoas se direciona.

– **“Eu tenho um sonho né? E o meu sonho é morar em uma rua, ter um endereço, ter uma casa com portão, com número, onde o carteiro chegue e fale ‘é aqui que mora o seu José Augusto?’ e deixa lá a correspondência”** [conta o eletricitista José Augusto]. (São Paulo)

– **A cidade suga energia da rede.** Seis horas da tarde às dez da noite, só as residências gastam 30% de tudo o que a usina de Itaipu produz. **É quando São Paulo se volta para dentro de casa. A família paulistana se reúne.** (São Paulo).

A conclusão da reportagem sobre São Paulo é construída em torno de um símbolo de esperança: um bebê, um novo brasileiro que chega ao mundo. Isso mostra que a família é o que realmente importa para o brasileiro. É por ela que o trabalhador sonha e se esforça todos os dias.

– Wellington tem um motivo especial para querer chegar. **Fernanda, duas semanas de vida, concentra a atenção e as expectativas da família. Faz querer construir outra cidade.** “Uma cidade mais justa, acho que só o fato de a gente conseguir **repartir melhor** tudo o que a gente tem já seria mais compatível com **o que eu espero para a Fernanda e para a Bruna**”. (São Paulo)

Assim, o discurso aponta que o meio ambiente não é a principal preocupação do brasileiro, que se esforça para trabalhar e viver com algum conforto. Apesar disso, fica evidente a contradição que perpassa o cotidiano da população: a falta de atenção às consequências ambientais é justamente o que torna a vida de quem trabalha ainda mais dura.

4 CONCLUSÃO

A proposta deste trabalho foi identificar os sentidos construídos no discurso do programa Fantástico, através da série de reportagens Planeta Terra: Lotação Esgotada, sobre os países e suas respectivas populações dentro do tema ambiental. A repórter Sônia Bridi e o cinegrafista Paulo Zero percorreram oito países em cinco continentes para responder à questão: quantas pessoas a Terra pode sustentar? O resultado foi a construção de seis reportagens com os seguintes temas: superpopulação, fome, água, energia, moradia e São Paulo. Esta pesquisa analisou criticamente as seis reportagens da série e constatou a divisão da população mundial em categorias que representam o comportamento de cada população diante dos recursos naturais do planeta que, por sua vez, se mostram cada vez mais escassos.

Para desenvolver a análise, este trabalho utilizou a teoria construcionista, que atenta para a dimensão cultural das notícias. Segundo o paradigma, a notícia atua na construção da realidade e não pode ser considerada como um retrato fiel dos acontecimentos. Além disso, o jornalista é um importante agente social que tem o papel de equipar os cidadãos com as informações necessárias para a construção de conhecimento sobre o mundo.

A televisão potencializa o trabalho do jornalismo de aproximar o público da realidade, já que a informação é construída por texto, imagens e sons, gerando uma maior identificação entre o indivíduo e aquilo que é relatado. Além de ser um espaço para a formação de conhecimento, a televisão também tem o importante papel de entreter, de envolver.

Chamar a atenção do público para uma causa condiz com os preceitos do jornalismo especializado em meio ambiente. Na construção deste trabalho foi muito importante a compreensão, possibilitada pela teoria, de que o jornalismo ambiental precisa tratar não apenas da preservação da Terra, mas também das condições de vida dos seres humanos, da conquista por cidadania e democracia. São conceitos que perpassaram todo o processo de análise e que se mostraram muito fortes na constatação dos sentidos formados pelo programa nas reportagens.

A metodologia utilizada no trabalho complementa a visão de que o jornalismo atua na construção da realidade. A análise de discurso considera a utilização da linguagem como trabalho simbólico na produção de sentidos, um movimento que pode atuar tanto na manutenção quanto na modificação de aspectos da realidade. O discurso é

o resultado da relação entre indivíduo, linguagem e sua ideologia, determinado pelo contexto e pela história. O discurso jornalístico é, portanto, também determinado pela subjetividade do jornalista, pelo contexto de produção e pela interpretação do público.

Através da aplicação da análise de discurso foi possível identificar quatro formações discursivas ao longo da série de reportagens referentes às populações em relação ao meio ambiente. Chineses são inovadores; estadunidenses são esbanjadores, ruandeses, quenianos, angolanos, indianos e indonésios são sobreviventes; brasileiros são trabalhadores. As reportagens tratam o sentido de “país” e “população” da mesma forma e, portanto, as categorias encontradas valem para ambos.

A primeira importante observação diante da constatação dessas categorias é a contradição existente no discurso quando a repórter afirma que a população mundial forma uma “família humana”. O termo família humana aparece em partes muito específicas: nas cabeças das reportagens, nas frases introdutórias e nas mensagens finais. Entretanto, o discurso traz a distinção entre as diferentes populações: brasileiros não são como chineses, que não são como indianos, por exemplo. A categoria dos sobreviventes reúne cinco países que têm algo em comum – lutam pelos mesmos objetivos –, porém, ainda assim, são apresentados com suas particularidades. Na série, a separação das populações em categorias é feita através da visão da repórter sobre a atitude de cada povo e governo diante do meio ambiente. São formados estereótipos que classificam cada população conforme o nível de consciência ambiental. Desta forma, a existência de uma família humana unida – cujos membros precisam uns dos outros para se desenvolver – não se sustenta na totalidade do discurso.

A primeira formação discursiva encontrada na análise é a de que os chineses são inovadores. Um país de cultura milenar que soube se organizar e sair da miséria em poucos anos. O governo chinês adota uma série de políticas que visa o futuro, para que o país seja cada vez mais competitivo no cenário internacional. A China é mostrada como exemplo a ser seguido, pois investe no crescimento econômico, ao mesmo tempo em que procura soluções para diminuir o impacto da sua grande população sobre o meio ambiente. O discurso também apresenta a ambição da população chinesa, diante desse contexto de estímulo das ações governamentais.

Já os estadunidenses são retratados nas reportagens como esbanjadores, pois utilizam os recursos naturais para sustentar o estilo de vida consumista próprio da sua cultura, sem ponderar as consequências. Desta forma, outros sentidos – como a irresponsabilidade, a falta de consciência e os excessos – reforçam a ideia de

esbanjamento ao longo das reportagens. Os estadunidenses são os maiores poluidores; consomem mais alimentos do que necessitam; desperdiçam água; gastam energia elétrica como nenhum outro país. As atitudes da população afetam diretamente o meio ambiente e a qualidade de vida mundial. O discurso sobre os Estados Unidos é o mais reducionista entre as formações discursivas encontradas neste trabalho. Com exceção da sociedade alternativa que é apresentada na reportagem sobre moradia – que só por ser alternativa significa que não condiz com o resto da população –, o discurso relativo aos EUA é categórico ao mostrar o mau exemplo. Dados e imagens confirmam a existência do excesso. De uma forma geral, não há a visão das famílias estadunidenses – elas não são entrevistadas nas reportagens como acontece no discurso das demais populações; tampouco é possível identificar sentidos que abrandem esse quadro de descuido ambiental.

A formação discursiva que caracteriza como sobreviventes os habitantes de cinco países – Ruanda, Quênia, Angola, Índia e Indonésia – é a mais aprofundada nos episódios da série. A guerra e a ameaça de extinção dos animais são exemplos bem claros da luta pela manutenção da vida diante de todos os perigos e adversidades. Além disso, a falta de acesso a recursos básicos como comida, água tratada, saneamento, eletricidade exige que as populações desses países trabalhem cotidianamente para garantir a sobrevivência. O esforço e a superação são características dessas pessoas que sonham por uma vida melhor. Entretanto, o trabalho leva à conquista de acesso a recursos muito básicos, não possibilitando a saída da condição de pobreza. O discurso sobre os sobreviventes é carregado de compaixão. A repórter se coloca em uma posição privilegiada e os retrata como vítimas marginalizadas devido à falta de oportunidades. Além disso, os animais aparecem incluídos entre os sobreviventes. Eles são mostrados como integrantes das populações, pois também lutam pela vida. Essa equiparação entre animais e seres humanos mostra o quanto essas populações pobres são diminuídas. Os habitantes desses países são condenados a uma vida de sofrimento e de muito esforço para a conquista de melhorias muito básicas, como ter acesso um prato de comida.

Por último, os brasileiros formam o sentido de trabalhadores. É nessa categoria que estão incluídos tanto os repórteres que fizeram a série quanto os telespectadores, o que dá uma carga emocional diferenciada ao discurso. São vários os exemplos de brasileiros trabalhadores ao longo da série. Esse sentido foge um pouco da questão ambiental, o que é significativo. A abordagem atrelada ao trabalho faz a série se distanciar em alguns momentos dos erros do Brasil no trato com meio ambiente. Desta

forma, o discurso tem o papel de acalantar os brasileiros, não os tratando exclusivamente como culpados. A repórter mostra como uma realidade brasileira o desperdício dos recursos naturais e a falta de consciência ambiental. Entretanto, o mundo do trabalho, sentido predominante, desvia a atenção para os problemas de má distribuição dos recursos entre a população e da falta de consciência frente ao problema maior que é a degradação do planeta. O brasileiro é esforçado e sonhador. Trabalha todos os dias para melhorar a qualidade de vida da sua família. A emotividade está presente ao longo do discurso sobre essa população, amenizando a responsabilidade sobre as consequências ambientais. É possível inferir que a falta de cuidados com a natureza acaba se convertendo em perda da qualidade de vida dos brasileiros. Entretanto, o discurso, ao mesmo tempo em que responsabiliza a população, justifica as suas ações através do trabalho.

As reportagens constroem o comportamento ambiental das populações apresentando personagens, suas histórias e complementando a realidade retratada com dados sobre os países. Com excessão do discurso sobre a China – em que o governo está presente propondo ações de desenvolvimento sustentável –, o Estado é pouco responsabilizado na série. Isso fica claro principalmente na reportagem sobre o São Paulo: não há uma discussão sobre a existência ou ausência de políticas públicas que visem a melhoria de vida e a preservação da natureza no país. A série deveria aprofundar melhor essa questão, pois é de responsabilidade dos órgãos públicos dar condições para que a população tenha qualidade de vida e consciência ambiental.

Apesar de se tratar de uma grande reportagem, formato que dispõe de recursos e tempo de produção para o aprofundamento do tema, é possível identificar um excesso de rapidez no texto, nas imagens e na edição, além de uma superexposição de informações que dificultam a assimilação das questões apresentadas. O papel da grande reportagem de ser um espaço para a reflexão é prejudicado pelo exagerado fluxo de informações sobre os assuntos apresentados. Por mais que a grande quantidade de imagens e de informações tenha o poder de prender a atenção do telespectador, muitas questões são ditas rapidamente, não havendo espaço para o seu detalhamento. Além disso, a rapidez e grande quantidade de informações prejudicam a construção de conhecimento sobre a sociedade mundial ao longo da série. As populações são estereotipadas, apresentadas de forma simplista. Assim, há uma manutenção de preconceitos sobre as diferentes populações. Essa categorização prejudica a ampliação

do debate acerca dos problemas e soluções para o meio ambiente, uma vez que reduz cada população ao seu espaço pré-estabelecido no planeta.

REFERÊNCIAS

BENETTI, Marcia. Análise de discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Orgs.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. O jornalismo como gênero discursivo. *Revista Galáxia*, São Paulo, v. 8, n. 15, Jun., 2008.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRIDI, Sônia. *Diário do clima: efeitos do aquecimento global: um relato em cinco continentes*. São Paulo: Globo, 2012.

BUCCI, Eugênio. Prefácio: Por que falar de televisão? In: _____. *Brasil em tempo de TV*. 3 ed. São Paulo: Boitempo, 2000a.

_____. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000b.

BUENO, Wilson da Costa. *Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa*. São Paulo: Mojoara, 2007.

_____. Jornalismo ambiental: explorando além do conceito. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges (Orgs.). *Jornalismo ambiental: desafios e reflexões*. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008.

COUTINHO, Iluska. Telejornal e narrativa dramática: um olhar sobre a estrutura da informação da TV. In: PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico Vizeu; PORCELLO, Flávio Antônio Camargo; MOTA, Célia Ladeira (Orgs.). *Telejornalismo: a nova praça pública*. Florianópolis: Insular, 2006.

DAMÁSIO, Antônio. *O erro de Descartes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DUARTE, Moacyr. O problema do risco tecnológico ambiental. In: TRIGUEIRO, André (Org.). *Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas do conhecimento*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais*. São Cristóvão: Editora UFS, 2005.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges. Prólogo: as razões de um conceito. In: _____. *Jornalismo ambiental: desafios e reflexões*. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008.

HAGEN, Sean. *A emoção como estratégia de fidelização ao telejornal: um estudo de recepção sobre os laços entre apresentadores e telespectadores do Jornal Nacional*. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Tese (Doutorado) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

HALL, Stuart. Codificação/ Decodificação. In: _____. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LAPLATINE, François; TRINDADE, Liana. *O que é imaginário?* São Paulo: Brasiliense, 2003.

MACHADO, Arlindo. *A arte do vídeo*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. *A televisão levada a sério*. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2001.

MARIANI, Bethania. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico: a Revolução de 30. In: INDURSKY, Freda & FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). *Os múltiplos territórios da Análise de Discurso*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1999.

MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é uma fonte de conhecimento? Setembro, 1997. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.html> Acesso em: 18 jun. 2013

MOREIRA, Roberto José. Críticas ambientalistas à Revolução Verde. *Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 15, out., 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas: Pontes, 2012.

_____. Discurso, imaginário social e conhecimento. *Em Aberto*, Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar., 1994.

PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico Vizeu. Telejornalismo: das rotinas produtivas à audiência presumida. In: PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico Vizeu; PORCELLO, Flávio Antônio Camargo; MOTA, Célia Ladeira (Orgs.). *Telejornalismo: a nova praça pública*. Florianópolis: Insular, 2006.

SCHMIDT, Simone. Ecologia e desenvolvimento, jornalismo e emoção. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloísa Beling; BAUMONT, Clarissa Cerveira de (Orgs.). *Ecos do Planeta: estudos sobre informação e jornalismo ambiental*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

SCHWAAB, Reges. Jornalismo, discurso e sustentabilidade. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloísa Beling; BAUMONT, Clarissa Cerveira de (Orgs.). *Ecos do Planeta: estudos sobre informação e jornalismo ambiental*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

TRAQUINA, Nelson. *O que é jornalismo*. Lisboa: Quimera, 2002.

_____. *Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são*. Vol. I. Florianópolis: Insular, 2004.

TRIGUEIRO, André. Meio Ambiente na Idade Mídia. In:_____. *Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas do conhecimento*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

WOLTON, Dominique. *O elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Internet e depois? Uma teoria crítica das novas mídias*. 3. ed. Porto Alegre: Sulinas, 2012.

ANEXO 1

Estão disponíveis neste anexo os links de acesso ao *corpus* desta pesquisa, as reportagens da série Planeta Terra: Lotação Esgotada.

China e Ruanda enfrentam problema da superpopulação (20/05/12)

Vídeo e texto:

<http://g1.globo.com/fantastico/quadros/planeta-terra-lotacao-esgotada/noticia/2012/05/china-e-ruanda-enfrentam-problema-da-superpopulacao.html>

Lotação esgotada: 925 milhões de pessoas no mundo passam fome (27/05/12)

Vídeo e texto:

<http://g1.globo.com/fantastico/quadros/planeta-terra-lotacao-esgotada/noticia/2012/05/lotacao-esgotada-925-milhoes-de-pessoas-no-mundo-passam-fome.html>

Mais de um bilhão de pessoas não têm eletricidade em suas casas (03/06/12)

Vídeo e texto:

<http://g1.globo.com/fantastico/quadros/planeta-terra-lotacao-esgotada/noticia/2012/06/mais-de-um-bilhao-de-pessoas-nao-tem-eletricidade-em-suas-casas.html>

Um bilhão de pessoas no mundo não têm acesso à água limpa (10/06/12)

Vídeo:

<http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/um-bilhao-de-pessoas-no-mundo-nao-tem-acesso-a-agua-limpa/1986580/>

Texto:

<http://g1.globo.com/fantastico/quadros/planeta-terra-lotacao-esgotada/noticia/2012/06/um-bilhao-de-pessoas-no-mundo-nao-tem-acesso-agua-limpa.html>

China vai construir uma cidade do tamanho de RJ e SP por ano até 2033 (17/06/12)

Vídeo e texto:

<http://g1.globo.com/fantastico/quadros/planeta-terra-lotacao-esgotada/noticia/2012/06/china-vai-construir-uma-cidade-do-tamanho-do-rj-e-sp-por-ano-ate-2033.html>

São Paulo consome 10 mil toneladas de alimento por dia (24/06/12)

<http://g1.globo.com/fantastico/quadros/planeta-terra-lotacao-esgotada/noticia/2012/06/sao-paulo-consome-10-mil-toneladas-de-alimento-por-dia.html>

ANEXO 2

Este anexo contém os textos com a transcrição das reportagens, disponibilizados na Internet.

1.

China e Ruanda enfrentam problema da superpopulação

Esta semana, o Fantástico estreia uma nova série: “Planeta Terra: lotação esgotada”, apresentada pela repórter Sônia Bridi. Ela e o repórter cinematográfico Paulo Zero foram aos cinco países mais populosos do mundo e também à África, o continente que mais cresce, para descobrir, afinal, quantas pessoas o planeta pode sustentar? Na primeira reportagem, a dupla vai mostrar dois países que enfrentaram de maneira diferente o problema da superpopulação. E de quebra ainda encontraram um bando de gorilas. Uma experiência inesquecível.

Assim avança a humanidade. Nos sonhos e ambições, nas dificuldades e conquistas de bilhões de famílias ao redor do mundo. Como nenhuma outra espécie, moldamos a terra às nossas necessidades. Já passamos dos 7 bilhões e seremos 1.500 a mais até o fim da reportagem. Planeta Terra, lotação esgotada.

Mas, afinal, quantas pessoas a Terra pode suportar? Existem várias respostas para essa pergunta. Tudo depende do padrão de vida. Se formos todos viver igual às pessoas da Índia, não teria problema. Poderíamos chegar a 15 bilhões de habitantes.

Por outro lado, se todos vivêssemos como os americanos, já estaríamos encencados. É que, com o padrão de vida dos Estados Unidos, a Terra só suportaria 1,5 bilhão de habitantes. Já teríamos 5,5 bilhões sobrando no planeta. O problema é que o padrão de vida americano é a aspiração de muitos povos ao redor do planeta.

Em um mundo tão desigual, já gastamos mais recursos do que podemos repor. A família humana entrou no cheque especial. Quase metade da população da Terra vive em cinco países. Desses, quatro estão em pleno crescimento econômico, aumentando o consumo de tudo, de comida a automóveis.

O Brasil é o quinto, com 192 milhões e meio. Antes vem Indonésia, com 238 milhões; Estados Unidos, com 313 milhões e meio; Índia, com 1,21 bilhão, e China, o mais populoso, com 1,34 bilhão de habitantes. Uma civilização de cinco mil anos, e uma unidade

racial que faz do estrangeiro verdadeiramente um estranho. A China sabe que o tamanho da população é sua força, e também sua fragilidade.

Há 34 anos, com a população chegando a 1 bilhão, o governo chinês tomou uma decisão dura. Passou a ter um controle rígido de natalidade que ficou conhecido como A Política do Filho Único. Sem ela, o governo diz que hoje teria 400 milhões de habitantes a mais. Dois Brasis inteiros para vestir, alimentar, educar, abrigar. E se todo país reconhece os benefícios dessa medida, para cada família chinesa ela representa um imenso sacrifício.

A filha é uma fonte interminável de orgulho para a família. Aos 4 anos, é cuidada e estimulada pais e avós. A mãe do pai até mora na mesma casa. Pela lei, o arquiteto Chunguang Zhou deveria se dar por contente. Mas ele quer mais. Ele acha injusto não poder ter outro filho. Um menino.

A mulher interrompe para dizer que não concorda. Outro filho, tudo bem, mas não importa se é menino ou menina. Ele explica: “Sou de família tradicional e na China é o filho homem quem cuida dos pais na velhice”.

O casal pode ter um segundo filho, pagando uma taxa que varia de acordo com a renda familiar. No caso deles, por volta de R\$ 20 mil. “Estou trabalhando duro para conseguir esse dinheiro”, afirma o arquiteto. Contra a vontade da mulher, que de bom grado usaria todos os recursos na melhor educação possível para a pequena.

O controle populacional foi uma das estratégias de desenvolvimento da China, que em três décadas saiu da miséria para se tornar a segunda potência econômica mundial. Maurice Strong, o idealizador da Rio 92, hoje consultor de sustentabilidade do governo chinês, diz que, mesmo querendo ter mais um filho, a maioria dos chineses entende que é do interesse do país limitar o crescimento populacional. “A China tirou mais gente da pobreza do que qualquer outra nação na história”, lembra ele.

E mesmo com tudo isso, a população chinesa cresce mais rápido do que a brasileira. “Quando as mulheres têm acesso à educação e liberdade, elas no mundo inteiro têm menos filhos e se dedicam mais à educação de um número menor de filhos”, diz o economista Sergio Besserman.

Ruanda, no coração da África, o continente onde a população mais cresce. Este país tem menos de 1% da população da China, mas é tão pequeno, que para ter o mesmo número de pessoas por quilômetro quadrado, a China precisaria ter quatro bilhões de habitantes. Com tanta gente concentrada em um território pequeno, Ruanda já perdeu quase toda a sua floresta, colina após colina, coberta de plantações. Na capital, canteiros e flores.

Em meio aos jardins da Ruanda de hoje, é difícil acreditar que há apenas 18 anos esse país foi palco do massacre de quase um milhão de pessoas. Em Kigali, o Museu do Genocídio tem covas coletivas de vítimas. Testemunha da brutalidade que começou com o pretexto de diferenças étnicas, mas que era, principalmente, a disputa por terra e recursos.

Vizinhos contra vizinhos, o assassinato brutal dos tutsis pelos hutus. Em poucos dias, um em cada dez ruandeses estava morto. Nas montanhas, outro massacre: o dos gorilas. Caçados para virar souvenir e com suas florestas destruídas para dar lugar a plantações. Eles chegaram à beira da extinção porque o povo precisava comer e recorria ao que tinha à mão. Passados 20 anos, Ruanda deu a volta. São os gorilas que ajudam a salvar os humanos.

Vamos subir a montanha e tentar encontrar um dos 17 grupos, 17 famílias de gorilas que vivem nessa área. E é justamente essa aventura, esse passeio em busca dos gorilas, que está mudando a vida nessas montanhas de Ruanda. Caminhamos quatro horas montanha acima. Encontramos um grupo de batedores, eles localizaram uma família de gorilas que está bem perto. Estavam mais perto do que se pensava. Uma família inteira, 20 gorilas. O chefe descansa debaixo de uma árvore. Um macho de quase dois metros de altura. É de tirar o fôlego.

“É inacreditável pensar que estou a menos de quatro metros de um Silverback, que é o macho dominante, um gorila de 200 quilos. Os outros três menores são adolescentes, são jovens, que ficam ali brincando com ele. O mais incrível é pensar que a vida dessas criaturas está ajudando a salvar a vida de milhares de pessoas em Ruanda”, diz a repórter.

A vilinha ao pé da montanha é a primeira beneficiada com o programa que aplica nas comunidades a taxa de ingresso dos turistas do parque: O equivalente a R\$ 1 mil por pessoa. Assim, eles compram melhores semente para as lavouras. A produtividade quase dobrou nos últimos dez anos.

O espetáculo de dança é para turistas. À frente, um dos últimos pigmeus de Ruanda. As tribos e etnias se juntam e ganham para manter as tradições. “Aqui temos trabalho e não precisamos mais ir buscar o sustento na floresta”, diz o responsável pelo espetáculo.

“Isso não só faz a gente se sentir melhor fazendo esse tipo de turismo como a gente fica até mais generoso. Você está distribuindo riqueza”, diz Fábio Tadeu Panza. E que riqueza. O turismo é a maior fonte de renda do país. Ele dá o primeiro emprego a Aspasia, aos 55 anos. Fomos até a casa onde ela vive com três dos oito filhos, e alguns netos. Eles estão indo para a escola nova que foi construída na comunidade com ajuda do dinheiro do turismo. E o número de escolas se multiplica. A melhor chance de modernizar a economia no país, que ainda tem 85% da população no campo.

Uma das filhas de Aspásia foi mãe aos 24 anos. Agora está no programa de planejamento familiar da vila, também patrocinado pelo turismo. A mãe teve oito filhos, ela planeja três. Na cozinha da casa feita de barro Aspásia prepara uma espécie de polenta de milho branco, também colhido pela família. Quando fica pronto, ela parte como fio e serve. Acompanha um cozido de feijão com couve da horta. Comida nutritiva, cheia de proteínas. Crianças saudáveis, cheias de apetite e de saúde para aprender.

No alto da montanha, outras crianças se divertem em segurança. Os gorilinhas brincam de luta. Implicam um com o outro. O pai volta e meia levanta a cabeça, parece que vai reclamar da bagunça dos meninos, mas volta a dormir. Os pequenos curiosos nos seguem. Estão acostumados com humanos, mas hoje trazemos uma coisa diferente. O reflexo da própria imagem refletida na lente é intrigante. Somos obrigados a nos afastar o tempo todo para evitar um contato físico. Mas um deles é especialmente sapeca, passou pelo meio das pernas da repórter. O nome desse gorilinha quer dizer Maria Vai Com as Outras. Ou seja, está sempre seguindo as pessoas. Dessa vez, ele está seguindo a gente porque está obcecado com a câmera.

Um pouco mais à frente, encontramos uma fêmea com um bebê de apenas 3 meses. O que mais impressiona é que, depois de tanta matança, uma carnificina que levou essa espécie até perto da extinção, essa mãe com um bebezinho permita que uma pessoa fique tão perto, sem se sentir ameaçada.

Em Ruanda, a confiança está sendo reconstruída. Entre homens e animais. Entre as tribos. Mostrando que, fazendo o que é certo, tem espaço na Terra para todos.

2.

Lotação esgotada: 925 milhões de pessoas no mundo passam fome

Na Índia, no desespero por comida, tem gente enfrentando até mesmo uma fera das selvas: o tigre de bengala. A repórter Sônia Bridi vai à Índia, o país que em menos de 15 anos será o mais populoso do planeta, e mostra que, no desespero por comida, tem gente enfrentando até mesmo uma fera das selvas: o tigre de bengala.

Uma luta interminável com as forças da natureza. A estação das cheias está chegando. E os moradores do maior mangue do mundo tiram argila do leito do rio, na maré baixa, e constroem diques. E reforçam os que já existem. Barreira de argila compactada, para enfrentar a fúria da água e do vento. São quilômetros de diques.

Estivemos na Índia, nos Sunderbans, um emaranhado de ilhas, território do temido tigre de bengala. Onde os rios Ganges e Brahmaputra desembocam no oceano, a água salgada entra com as marés. Um lugar que não parece feito para a vida humana. Mas quatro milhões de indianos arrancam desta lama o seu sustento. No mundo 925 milhões de pessoas passam fome. A família humana precisa colocar água no feijão.

Nos Sunderbans, conter o rio é questão de vida e morte. Acontece que quando a maré está alta, o nível da água já está acima do nível da vila e dos campos com as plantações. Quando chegam as monções, as chuvas fortes vêm também as tempestades. E se durante essas tempestades o dique for rompido, a água salgada do rio pode invadir os campos e matar todas as plantações.

E isso significa um ano de fome pela frente. Porque nessa parte do mundo, quem não tem o que colher também não tem o que comer. Em 2011, um tufão fez a água transbordar para dentro de uma vila, como uma onda gigante. Uma mulher conta que nunca viu nada igual. Uma sobrinha correu com o filho no colo procurando abrigo, mas foi derrubada pela água, que levou o bebê. Quando a enchente baixou, deixou a terra com tanto sal, que poucos pés brotaram na lavoura de feijão, a principal fonte de proteína na região.

O camponês se pergunta como vai alimentar os filhos, se a ilha toda foi afetada e os vizinhos e amigos também estão contando os grãos? “Aqui a gente não tem dinheiro, não pode comprar comida no mercado”, diz uma mulher. “Minha sorte é que tenho só dois filhos”, completa.

Dois filhos é o lema do programa de planejamento familiar do governo para conter o crescimento populacional no país que 1,2 bilhões de habitantes em uma área que é menos da metade da brasileira. É a maior concentração de pobres do mundo. A maioria dos indianos depende do que planta para comer. Três de cada quatro comem menos do que precisariam para ter uma vida saudável.

E até 2025 a Índia terá ultrapassado a China e será o país mais populoso da Terra. Do outro lado do mundo, o maior problema de saúde pública é comida demais. Um norte americano consome em média o dobro de calorias a que um indiano tem acesso.

Mais da metade da população dos Estados Unidos está acima do peso. E engordando cada vez mais. A relação deles com a comida é bem ilustrada em um buffet, em Las Vegas. Por apenas US\$ 30, o equivalente a menos de R\$ 60, a pessoa pode num espaço de 24 horas comer em qualquer restaurante da rede. Comer o que quiser e quanto quiser. O resultado é que elas acabam comendo muito mais do que precisam. Em média um 1,5 quilo por refeição.

Quase cinco quilos ao final das 24 horas - em café da manhã, almoço e jantar, e lanchinho nos intervalos.

Os números no buffet são assustadores. Cem metros de balcão de comida. Consumo diário de 250 quilos de purê de batata, 1500 ovos. Mais 300 quilos de carne só no balcão de grelhados. E 600 quilos de pata de caranguejo. O chef diz que é um desafio preparar toneladas de comida por dia. Quero saber se as pessoas deixam comida no prato, e ele confirma. 300 a 400 quilos vão para o lixo todos os dias.

A fome que aflige um em cada sete humanos, não é por falta de alimentos. “A fome é resultado da pobreza, da desigualdade e da miséria. Não é um problema de produção”, afirma Renato Maluf, presidente do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. A produção mundial de alimentos ainda dá conta. E evoluiu. No Brasil mega empresas agrícolas mudaram a paisagem do campo. Plantamos e colhemos com uma eficiência que não era nem sonhada há duas gerações.

Nelson Vigolo, 200 mil hectares de terra plantadas em Mato Grosso, imagina o avô, pequeno agricultor do Sul, diante dessa grandiosidade. “Se ele chegasse aqui e enxergasse tudo isso, visse tudo isso daqui, ele ia falar: ‘Oh, bando de louco’”, diz. A loucura começou com o avanço sobre o Cerrado e a Amazônia.

A terra ocupada para agricultura e pecuária no Brasil mais do que dobrou em 40 anos. A mecanização, os defensivos agrícolas e fertilizantes, melhores sementes. Multiplicaram a produtividade. Foi a revolução verde brasileira. De onde há 20 anos eram colhidas duas toneladas e meia de grãos, hoje saem sete toneladas. As colheitadeiras levam a soja, e outras máquinas vem atrás, plantando milho. Em vez de uma safra, duas por ano, porque o ciclo entre plantio e colheita ficou menor. Em constante crescimento de produtividade em cima da mesma área, sem novas aberturas de áreas. E isso que contribuiu muito pra alimentar o mundo.

De Mato Grosso para a China, principal consumidora da soja brasileira. Nos anos 60, 30 milhões de chineses morreram de fome. Mas a China enriqueceu e fez do mundo seu quintal para todo tipo de produto, do aço, aos alimentos. O temor agora é o que vai acontecer com o preço da comida, quando um 1,3 bilhões de chineses se sentam à mesa para comer bem. O analista Arthur Kroeber diz que os chineses vão comer cada vez melhor, com a dieta mais rica em proteína. E como eles não têm espaço para produzir, vão importar, cada vez mais, carne a grãos.

O consumo sobe em vários países em desenvolvimento, e a população continua crescendo. Até 2050 seremos 9 bilhões. O que significa alimentar três a mais, contando o

1bilhão que já passa fome. E nós já usamos 40% da superfície terrestre para plantar. A solução mais fácil seria aumentar as áreas plantadas, mas no mundo inteiro só sobraram terras que ainda estão cobertas por florestas. E a gente sabe que a destruição das florestas aumenta o aquecimento global e isso pode prejudicar a produtividade das lavouras que já existem. Resta então aumentar essa produtividade. Mas ainda é possível logo depois da imensa Revolução Verde?

“Talvez até haja um papel relevante para a engenharia genética. Olha aqui um ambientalista falando isso. Mas além da ciência e da tecnologia, nós vamos ter que mudar os padrões de consumo”, afirma o economista Sergio Besserman. Principalmente da carne, que é a que mais suga recursos naturais. No mundo inteiro, quem pode pagar, come mais carne do que precisa.

Mas a produção pode ficar mais eficiente também. O Brasil tem mais gado do que gente. E, para alimentar o imenso rebanho, ocupa o dobro do espaço da agricultura. Mas isso pode mudar. Basta fazer a produção mais eficiente. O governo brasileiro já fez as contas: dá para reduzir para menos da metade a área ocupada por um boi no campo. “Hoje em dia não é mais problema técnico, é questão de querer fazer”, alerta o secretário Arnaldo Carneiro. Com o que já se sabe: melhoramento genético, boas pastagens e manejo.

“Com o conhecimento que nos temos hoje, acumulado e pronto para ser disseminado, nos teríamos um ganho de produtividade na atividade agropecuária com economia de terra. Poderíamos hoje, com a mesma área da pecuária, dobrar ou triplicar a produção”, completa Arnaldo. E diminuir a pressão sobre as florestas que são derrubadas para o gado entrar. E ainda aumentar o espaço para lavoura. Mas também é preciso incentivar a produção local. “Mais de 70% da alimentação do brasileiro vem da agricultura familiar”, afirma Renato Maluf.

De volta aos Sunderbans, lugar onde com frequência a lavoura não produz, as redes voltam quase vazias. Mesmo que as mulheres raspem com suas redes o leito lamacento do rio. Susanta Mondal, pai de dois meninos entrou na floresta para tentar pegar caranguejos. A mulher tentou impedi-lo. Conta que num sonho, a deusa da floresta avisou do perigo. Mas a família precisava comer. Mondal ainda estava no barco quando o tigre atacou. Virou a embarcação.

Durante 25 minutos ele lutou contra o maior felino do mundo. Não sabe como conseguiu escapar. Ficou semanas entre a vida e a morte. Perdeu um olho. Ganhou marcas das garras que nunca sairão do seu corpo.

O desafio, no mundo todo, é encontrar o desenvolvimento sem destruir o que resta da natureza. Que na maioria das vezes não ataca nem se defende. Mas quando ela é derrotada, somos sempre nós que perdemos.

3.

Mais de um bilhão de pessoas não têm eletricidade em suas casas

O consumo de energia no mundo dobra a cada 20 anos. No entanto, mais de um bilhão de pessoas ainda não têm eletricidade em suas casas. A repórter Sônia Bridi mostra como a corrida para manter a imensa máquina do planeta em funcionamento acabou ameaçando até os orangotangos na Indonésia. São os desafios de sustentar a grande família humana nesse mundo com lotação esgotada.

Desde que dominamos o fogo, tiramos energia da natureza. E a energia definiu nossa civilização. Durante 10 mil anos, a população do planeta manteve-se estável por volta de 1 bilhão de pessoas. Mas, com a revolução industrial, houve um salto vertiginoso. Em apenas 200 anos, passamos para 7 bilhões. A energia e as máquinas tocadas por ela permitiram esse salto tecnológico. Controlamos doenças, comemos melhor e vivemos mais.

E cada vez mais, precisamos de energia. Mas para obtê-la estamos queimando combustíveis fósseis, que liberam gases de efeito estufa, aquecem o planeta, provocam as mudanças climáticas. A maior parte da família humana vive em países em desenvolvimento que precisam de energia para enriquecer e melhorar de vida. Mas é possível fornecer essa energia sem botar em risco a civilização?

Represa de Hoover, perto de Las Vegas, nos Estados Unidos, uma maravilha da engenharia, que depois de 80 anos teve que reduzir a produção de energia. A represa está 40 metros mais baixa por causa das mudanças climáticas provocadas pela maneira como produzimos energia.

Com apenas 5% da população do planeta, os Estados Unidos consomem 23% de toda a energia e jogam um quarto dos gases responsáveis pelo efeito estufa. Na frente deles, só a China, que obtém 85% da energia do carvão. “Como outros países industrializados, a China deixava o ambiente em segundo plano. O crescimento era o que importava, mas agora eles lideram na economia verde”, explica o ambientalista Maurice Strong.

A 500 quilômetros de Pequim, o Vale Solar é o cartão de visitas desse esforço. Não faltam exemplos grandiosos, como o hotel completamente abastecido por energia solar. Uma

região inteira, sempre encoberta por uma camada de poluição, dedicada a pesquisar e fabricar equipamentos solares.

O governo incentiva a produção e obriga cada nova construção a instalar os aquecedores solares para água. Tubos de vidro, mais eficientes do que os painéis. Assim, uma família chinesa consegue ter água quente em casa com um investimento equivalente a apenas R\$ 200. E o impacto na produção de energia elétrica é imenso. Até nos prédios, os tubos revestem a face voltada para o sol. Placas que geram eletricidade podem ser usadas em residências, prédios, ou em parques solares que jogam a energia na rede elétrica. A China já é o maior produtor do mundo.

A China consegue ser mais competitiva por causa da escala de produção. Fabricando painéis aos milhões, conseguiu fazer com que o preço caísse para apenas um terço do que era há apenas cinco anos. Mesmo assim, a energia solar ainda é a mais cara do que a produzida por termelétricas ou usinas hidrelétricas. Mas por quanto tempo?

O responsável pelo Vale Solar diz que o país investe em energia limpa porque não quer perder o que será o grande negócio do futuro. O futuro vai depender de muitas soluções. Um chinês ainda usa em média apenas 20% da energia gasta por um americano. Mas tem as mesmas ambições: criar empregos, combater a pobreza, viver com conforto.

Dois de cada dez humanos não têm sequer uma lâmpada em casa. Para levar energia a todos, os investimentos precisariam ser multiplicados por cinco.

Kibera, em Nairóbi, no Quênia, é uma das maiores favelas do mundo: tem quase 1 milhão de pessoas sem água, sem esgoto, sem a mais básica das energias, fogo, para cozinhar. Quem tem dinheiro, compra carvão vegetal. Um líder comunitário é o guia da equipe. Atravessando as vielas cheias de esgoto, cercadas de miséria e de gente acolhedora. A equipe conhece um projeto revolucionário: um banheiro público. A maneira como eles vão ao banheiro nessa favela é chamada de banheiro voador. Porque eles vão ao banheiro em casa, em um saco plástico, amarram o saco plástico e jogam pela janela.

Agora, quando as pessoas vão ao banheiro, o esgoto é recolhido e vira energia. Um biodigestor transforma os dejetos em gás, canalizado para a cozinha comunitária. Benta conta que antes do banheiro, por causa dos saquinhos, ela andava se esquivando pela rua. Ela mostra a filhinha, Beverly Hills. “Veja como ela está saudável. Eu estou saudável. Nunca mais tive cólera”, conta.

E tudo que eles precisavam para melhorar muito de vida, era um banheiro. Bem longe dali, outra favela na beira dos trilhos. Jacarta, na Indonésia, é uma cidade com contrastes e paixões que lembram o Brasil. A Indonésia é um arquipélago formado por 17

mil ilhas e tem a quarta maior população do mundo, a maioria concentrada na ilha, onde fica a capital. Por causa disso, o governo começou um projeto chamado de transmigração, a transferência da população para outras ilhas. As consequências dessa política estão sendo sentidas em todo o mundo.

No coração da floresta, na ilha de Bornéu, a equipe encontra uma vila. Como os outros moradores, Nurtija chegou ao local há seis meses. O marido e ela fazem a segunda transmigração, quando crianças foram com os pais para a ilha de Sumatra, onde agora já falta terra. O dinheiro que o governo deu para a família recomeçar a vida na selva já acabou. E ela prepara banana frita para levar ao mercado. O marido sabe que logo vai precisar abrir mais floresta para poder sustentar os dois filhos.

No parque nacional, os biólogos replantam a floresta no solo que é único: uma grande camada de matéria orgânica em decomposição, que apodrece formando gases. Quando a floresta é intocada, uma camada de água impede que os gases sejam liberados. Outra estratégia do parque nacional é construir barreiras que dificultam a passagem da água. Assim, uma área maior da floresta fica o tempo todo alagada. E a lâmina de água funciona como um escudo impedindo que o gás metano e o gás carbônico, que estão estocados no solo, sejam liberados e vão para a atmosfera. Outro perigo avança: a plantação de palma de dendê. O óleo, no qual Nurtijah frita bananas, vai para a indústria de alimentos, mas também é biocombustível exportado para a Europa, onde é misturado ao diesel. O céu europeu fica mais limpo. O do planeta, não.

Este tipo de solo é bastante comum na Indonésia. Mas, se comparado com a superfície do planeta, ele ocupa apenas 0,01% de todo o território. Só que o desmatamento das áreas é responsável por 4% de todas as emissões de gases que provocam o efeito estufa no planeta. E a cada vez que uma nova área é desmatada, esse percentual aumenta. O dendê está expulsando também os homens da floresta. É isso que significa orangotango, na língua local.

Um centro de recuperação de orangotangos tem 600 animais, e não pode receber outros. O biólogo responsável diz que metade foi capturada nas plantações de dendê. A outra, trazida por moradores dos assentamentos. Eles chegam desnutridos e doentes. Tratados e vacinados, eles precisam reaprender a vida na selva. No hospitalzinho, três bebês que talvez nunca tenham essa chance. Duas meninas, tímidas. Um delas, a Jennifer, não larga seu bichinho de pelúcia. E o Irfan é um garoto brincalhão, que gosta de cosquinhas e de fazer uns carinhos estranhos, como dar cabeçadas.

Podem passar a vida toda sem ver a floresta. É que os bebês orangotango, quando nascem em cativeiro, geralmente são rejeitados pela mãe. E aí as chances de sobrevivência deles são muito menores. É por isso que existem hospitaizinhos em vários lugares da Indonésia. Os que completaram o treinamento têm seu primeiro teste de sobrevivência. Em uma ilha do rio, os primeiros passos em liberdade.

É um ambiente de selva, mas eles ainda recebem comida uma vez por dia dos cientistas, que ficam sempre de olho. Mas assim eles vão aprendendo a se virar sozinhos. Vemos como esses primatas fascinantes vão ganhando confiança. Um momento de sorte: a mãe com o primeiro bebê nascido na ilha está na beirinha, cuidando, amamentando a cria. Um grupo de jovens explora a copa das árvores, mas conservam um hábito do cativeiro. Um pega um saco vazio e leva para o alto. Quando precisa das mãos, veste o saco para não derrubá-lo. Está na hora de dormir. O paninho vira cobertor.

Faz a gente pensar: salvar essas criaturas que compartilham 97% do nosso DNA e melhorar a vida de bilhões de pessoas. Essa tarefa vai definir que tipo de civilização seremos.

4.

Um bilhão de pessoas no mundo não tem acesso à água limpa

O ser humano é feito 60% de água. A ironia é que, hoje, mais de 1 bilhão de pessoas no mundo ainda não tem acesso à água limpa. Um problema que é especialmente sério na Índia. No país, a repórter Sonia Bridi mostra a imensa desigualdade econômica: a miséria absoluta convive lado a lado com o consumo exagerado. Como podemos garantir que toda a família humana receba uma fatia justa do bolo dos recursos do planeta?

Água se transforma, se distribui pela Terra, mas não se multiplica. Desde os primórdios do planeta, temos a mesma quantidade de água. Nenhuma gota foi criada. Parece que ela é abundante no planeta azul. Mas, de cada 100 litros, menos de três são água doce. E desses, dois não estão ao nosso alcance – são as montanhas de gelo, cobrindo os pólos. Tire a água que está na atmosfera. E o que sobra de cada 100 litros não dá para encher duas latinhas de refrigerante. É com essa quantidade que nós, humanos, que temos corpos feitos 60% de água, precisamos viver.

Nos multiplicamos tanto que tornamos a água um produto ainda mais raro. A família humana tocou o fundo do poço? Não é por acaso que tantas culturas surgiram às margens dos rios. O acesso fácil à água permite cultivar alimentos e criar uma civilização. E nenhum rio é tão cultuado quanto o Ganges, na Índia. O rio que distribui a vida é também o que leva

as cinzas dos mortos. Mas nem mesmo as águas sagradas escapam do destino de tantos outros rios que cortam países nos quais o desenvolvimento e a população não crescem no mesmo ritmo.

Na Índia ou no Brasil, os rios maltratados não podem oferecer a água essencial para a vida. Mas somos espécie acostumada a conseguir o que quer. Las Vegas, nos Estados Unidos. Erguida no meio do deserto e tem água abundante e campos de golfe irrigados. Mas com o número de habitantes chegando a dois milhões – e 40 milhões de visitantes por ano – viu a fonte começar a secar: o lago formado pela represa de Hoover já não dá conta.

Então, Las Vegas mudou o jogo: agora, água usada é água reaproveitada. Um imenso centro de tratamento faz o esgoto virar água boa para beber de novo. O problema, para o diretor da usina, é vencer o efeito "eca": as pessoas têm nojo de beber o que já foi cocô. Por isso, a água vai para um riacho, onde chega mais limpinha que a natural, com o qual corre de volta para o lago e entre de novo no jogo.

Muitas grandes cidades têm o problema de água agravado porque destroem as florestas ao seu redor. No Rio de Janeiro imperial, Dom Pedro II já sabia que, sem árvores, não há água. E criou o que é hoje a maior floresta urbana do mundo. As fazendas com plantações de cana e café que ficavam lá foram desapropriadas. E a natureza teve ajuda para se recompor. A água da Floresta da Tijuca abasteceu a cidade até os anos 1950 e ainda chega às torneiras de 30 mil casas. Há 40 anos nas trilhas do parque, o engenheiro florestal Luiz Fernando Lopes conhece bem esse ciclo.

“A chuva cai, penetra no solo e, aos poucos, o solo vai liberando. A floresta é uma proteção natural dessa chuva. Ou seja, não vai bater, não vai carregar e não vai levar nada”, explica. A água estocada no solo começa a ser liberada em alguns pontos. Pouco mais à frente de um trecho onde o chão está molhado a água já corre na forma de um riacho.

Bom para a cidade, fundamental no campo. A produção de alimentos consome 64% da água disponível. Veja o café: da lavoura até o balcão, um cafezinho – tão pequeno – consome 10 mil litros de água.

No mundo, 1 bilhão não tem acesso à água limpa. E o mesmo número de pessoas não faz parte do mercado de consumo – passa a vida sem tocar em dinheiro, sem acesso a coisas básicas, como comprar uma muda de roupa nova, sem provar um alimento que não saiu da própria roça.

Musanze, em Ruanda, é um lugar de cumprimentos efusivos, onde uma mulher de coragem está transformando as vidas de muitas outras. Elas produzem bolsas para vender

para os turistas. “Queremos criar uma fonte de renda para elas viverem sem precisar se prostituir”, diz Seraphine.

Para Margarit, foi tarde, mas não impossível. Órfã, cresceu nas ruas, onde se prostituía por um prato de comida. Foi resgatada grávida, com uma infecção que lhe custou uma perna. Mas o filho vai crescer seguro, com um teto sobre a cabeça. Romper com a miséria não significa entrar no mundo do consumo. Mais da metade da população do planeta vive em países que se desenvolvem rápido. E como vão consumir? Se for como os americanos, vai faltar planeta.

Mais acesso ilimitado a bens não melhora a qualidade de vida. Precisamos nos concentrar no básico, que é água, esgoto, e comida. O pensamento do Instituto Global para o Amanhã tem encontrado simpatia dos governos. Em vez de carro próprio, por exemplo, transporte público de qualidade – o mesmo benefício, com menor impacto.

Uma de cada três famílias pobres do planeta vive na Índia. A miséria contada em centenas de milhões. Calcutá é a metrópole dos desabrigados, desesperançados. Aqui, misérias são diferentes. Discriminadas na sociedade e em casa, as mulheres são as pobres entre os pobres. Se as mulheres forem fortalecidas, vão cuidar melhor dos filhos e a sociedade vai se transformar. Com esse raciocínio, Chandran Ghosh começou um programa de microcrédito que só empresta para mulheres. Já beneficiou 10 milhões - e 99% pagam em dia.

Lakhi Rani agora é patroa do marido. Começou com dinheiro para comprar umas peças de roupa e revender. De empréstimo em empréstimo, já emprega dez pessoas. A filha acaba de ser aceita em uma universidade. Às vezes é preciso mais que coragem e um empréstimo. Sahani havia sido abandonada pelo marido. Ela estava morando na rua com os três filhos. Sem profissão, analfabeta, ela e as crianças só comiam quando ganhavam alguma esmola. Nessa situação de extrema miséria, o microcrédito não serve para nada. Ela não saberia nem o que fazer com o dinheiro. Foi aí que entrou outro trabalho do grupo: identificar algum talento. Esse talento era cozinhar.

O pão frito recheado é um sucesso no bairro. Para entender o quanto Sahani melhorou de vida, é preciso pensar que ela e as crianças não tinham sequer um teto sobre a cabeça. Morar em um barraco permite que elas frequentem uma escola. Ainda são tão pobres que o único brinquedo na casa são coelhinhos de verdade e doentes. Mas Sahani tem certeza de que tudo vai mudar para melhor. Já planeja comprar uma casinha fora da favela.

“Não precisamos viver como americanos”, diz o empreendedor social. “Mas precisamos prover as necessidades básicas. E isso é sustentável”.

Para alguns indianos, a melhora chegou. Em Mumbai, a cidade mais rica do país, a economia cresce rápido, formando uma classe média ávida por consumo. Até 2025 haverá três Brasis de indianos na classe média. E a principal aspiração deles é um casamento dos sonhos, como o de Malini. Foram três dias de festa – da preparação da noiva até a lua de mel. Tudo registrado como um casamento indiano. Malini é classe média emergente. Começou blogueira e hoje tem site de notícias.

As festas foram organizadas pela empresa de cerimônias de Candice. Ela conta que muitas famílias indianas podem ir à falência por causa de um casamento. Os gastos começam com as roupas, extremamente luxuosas. E são muitas. No caso de Malini, a festa foi até pequena – só 300 convidados. O costume é passar de 1 mil.

Mas é com jóias que a poupança familiar se vai. Porque cada roupa pede um conjunto diferente. E conjunto, na Índia, envolve mais que colar e brincos. “Com o crescimento econômico, os casamentos ficam cada vez mais opulentos”, diz Malini. “É comum a gente gastar o equivalente a um apartamento só em jóias”. Só em 2011, a Índia importou mil toneladas de ouro. E essas importações estão crescendo em média 30% ao ano. Casamentos grandiosos, cheios de ouro, são parte da cultura milenar indiana e ilustram o sonho de consumo que faz o mundo emergente comprar mais e mais automóveis, eletrônicos, tudo o que estiver ao alcance da nova riqueza.

Luxo e miséria da Índia são os extremos do planeta, que precisa incluir bilhões de pessoas e garantir que uns poucos, os ricos, passem a usar os recursos naturais de maneira mais racional, para que o planeta dê conta de todo mundo.

5.

China vai construir uma cidade do tamanho do RJ e SP por ano até 2033

Começou esta semana a "Rio+20", a Conferência da Organização das Nações Unidas, que está discutindo os rumos do nosso planeta. E um dos principais temas é a moradia. No último século, a população da Terra teve um crescimento absurdo. Quintuplicou e chegamos aos 7 bilhões de habitantes. Mas será que tem espaço para todo esse mundaréu de gente morar com dignidade, sem destruir o meio ambiente? Metade da população do mundo vive nas cidades. Até 2040, seremos 70% nas áreas urbanas. Quando concentramos gente, precisamos criar infraestrutura, água, esgoto, energia, habitação digna.

Na maioria dos países, urbanização e favelização andam juntas. O órgão das Nações Unidas para habitação calcula que 4 de cada dez famílias que vivem nas cidades do planeta, estão em barracos, sem água, sem esgoto e sem acesso a serviços básicos. Na África, o número de favelados dobrou nos últimos 15 anos, já são 200 milhões, mais do que o total da população brasileira vivendo em condições que fazem as comunidades pobres do Brasil parecer classe média.

O Fantástico foi a Luanda, capital de Angola. Há apenas 10 anos, o país saiu da guerra civil, que deixou 500 milhões de mortos. Metade da população tem até 15 anos. É uma terra de jovens e de nova prosperidade. O petróleo garante exportações e dinheiro para uma modernização mais do que esperada. E cheia de contradições. Enquanto ergue arranha-céus, o povo que fala português ainda tem o comércio nas ruas. Não há lojas, nem supermercados. É na calçada que Teresa vende a mercadoria trazida de São Paulo, Brasil. Ela é sacoleira transcontinental, mas sonha mais! “Meu sonho é ter uma boutique famosa que aparece na TV”, conta Teresa Miguel Zenguele, comerciante. O casal gasta 30% da renda pagando escola particular para os dois filhos. O ensino público não alcança a todos e é de baixa qualidade. “Quando se tem um filho a gente investe na educação, pra depois a gente ficar sentado e ver que valeu a pena”, conta Zinga Zenguele, jornalista. “Ver o filho formado, ser alguém na sociedade”, completa Teresa.

A casa foi construída por eles. se mudaram antes do acabamento para fugir do aluguel, que chega a R\$ 5 mil por mês num apartamento de dois quartos. Por causa da especulação do petróleo, Luanda é uma das cidades mais caras do mundo. E sem infraestrutura. Na casa de Teresa e Zinga, a energia vem de um gerador próprio, movido a óleo. E isso é a classe média. Em Luanda, sete em cada dez, moram em favelas. Mas no subúrbio, uma cidade está sendo erguida na savana. Ainda parece uma cidade fantasma, mas é o maior projeto habitacional da África. Uma cidade para 100 mil habitantes. Kilamba sai do projeto completa. Vai ter comércio formal, escolas, até uma universidade. Tudo financiado pelo governo, com juros mais baixos. “Porque não é todos os dias que estamos envolvidos num projeto dessa dimensão. Começar uma cidade do zero”, diz Joaquim Israel, administrador.

A construtora é chinesa, e trouxe de lá a maior parte da mão de obra. Quando Angola precisa tanto de empregos. Com toda a falta de energia e água, o país está perdendo a oportunidade de resolver o problema habitacional de maneira sustentável. Aqui não há sequer aquecimento solar para água. “Porque a ansiedade das pessoas de quererem ter rapidamente casa, faz com que também se cometam alguns erros de percurso”, observa

Carlos do Rosado, economista. Mas eles acertaram construindo prédios e concentrando as pessoas na cidade.

O modelo da cidade sustentável é a selva de pedra. Quanto mais concentrada a população, menos recursos são necessários para instalar e manter a infraestrutura. Na cidade de arranha-céus, encanamentos, estradas, linhas elétricas chegam a mais gente percorrendo menos distância. Nisso, Nova York é exemplo. “Manhattan, com sua grande densidade, faz o certo”, diz a diretora do programa das Nações Unidas para Habitação. Mas estamos perdendo isso com a criação de subúrbios, nada sustentáveis. Como Los Angeles, do outro lado do país. Não por acaso, muito poluída. A megacidade espalhada obriga as pessoas a percorrer grandes distâncias de carro.

Do outro lado do planeta, na China, o país que passa pelo maior processo de transferência de gente do campo para a cidade da história da humanidade. Hoje são 750 milhões de chineses nas cidades. Até 2030, serão um bilhão. Tianjin, a 100 quilômetros de Pequim, tem 11 milhões de habitantes. Sob um céu de chumbo, carregado de poluição, sobe uma cidade ecológica. Tem tudo: escolas, prédios de escritório, shopping centers.

Os moradores vão gastar 40% menos em energia e água do que em prédios normais. E ainda vão gerar 20% da eletricidade que consumirem. Prédio com telhados cobertos por painéis solares. Não há um prédio que não seja coberto de painéis solares. Ao longo da avenida de acesso, uma usina completa. E turbinas eólicas, que jogam energia para carregar os ônibus elétricos. Sobre cada poste, uma placa solar e uma miniturbina.

E essa é uma solução bem esperta. Porque no inverno os dias são geralmente bem nublados. E aí não dá pra depender da energia solar. Em compensação, em dias assim, tem vento de sobra. Até um parque está sendo feito. Dentro de três anos, a ecocity estará como na maquete: 500 mil pessoas vivendo e trabalhando no local. O responsável pelo projeto explica que algumas tecnologias são mais caras do que nas construções convencionais, mas o custo de manutenção menor vai compensar.

E essa é só a primeira de 500 cidades ecológicas que o governo chinês pretende construir nos próximos anos. E assim diminuir o impacto do seu imenso projeto habitacional. A China, nos próximos 20 anos, vai construir 10 milhões de moradias por ano. É como construir a cada ano uma cidade do tamanho do Rio e outra do tamanho de São Paulo.

De volta aos Estados Unidos, agora em Tulsa, no Novo México. No meio do deserto, uma sociedade alternativa que gosta de ser chamada de hippie chique. São 70 casas, que não tiram nem energia, nem água da rede. Construtor e morador, Ron é um empolgado pelo projeto. “Não gastamos um tostão. Quando a casa fica pronta, não temos conta de água ou

luz para pagar”. As casas usam materiais pouco convencionais. As paredes da estrutura são feitas de pneus empilhados e barro. As outras têm latinhas e garrafas de todos os tipos em vez de tijolos. Os fundos das casas são aterrados, para conservar a temperatura e todos os cômodos ficam de frente para o sol.

Ele explica que no inverno o sol fica mais baixo no horizonte e penetra até o fundo da casa, aquecendo. Mas no verão fica mais alto, então a casa recebe menos calor. E se ficar quente demais, há um sistema de ar condicionado natural. O ar é capturado lá fora, passa dez metros pela tubulação enterrada sai geladinho. Eles não abrem mão dos eletrodomésticos, que são tocados a energia solar ou eólica. Lavadora de roupa e secadora. Mas isso gasta muita energia, principalmente a secadora. Ele explica que a tecnologia é a solução. Computadores controlam o uso de água e energia, evitando desperdício.

Um casal se aposentou e foi pra lá. Diz que lá o dinheiro rende mais, porque não tem contas a pagar. E no meio do deserto, cultiva uma pequena horta, dentro de casa. A casa modelo é a do criador do projeto, Michael Reynolds. Porque teve a petulância de propor fazer casas com lixo, nos anos 70, teve sua licença de arquiteto cassada. Mas ela foi devolvida, e com honras, quando a sustentabilidade deixou de ser moda e passou a ser necessidade.

Ele vai um passo à frente. Ele quer provar que a casa pode ser auto-suficiente também em alimentos, cultiva uvas, bananas e verduras, tomate direto do pé. Há flores por toda parte e uma garoa artificial. O mais incrível é que tanto a horta-jardim quanto a fonte, onde são criados os peixes, são, na verdade, o sistema de tratamento de esgoto da casa. A água usada, primeiro passa por um filtro bem artesanal, feito basicamente com pedras e areia. Depois vai para o jardim, onde o esgoto ajuda a alimentar as plantas. Passa pela fonte e está limpa o suficiente para voltar para o sistema, onde é usada para a descarga dos banheiros. E é esse ciclo interminável que permite que uma casa dessas no meio do deserto possa ser auto-suficiente em água apenas com as chuvas. O visionário agora quer fazer as casas sustentáveis em escala, massificar a produção e mostrar que é possível construir uma cidade inteira sem infraestrutura super cara.

Criatividade e tecnologia podem fazer a família humana morar bem, desfrutar de todos os confortos e garantir um futuro sustentável.

6.

São Paulo consome 10 mil toneladas de alimento por dia.

Depois de passar por sete países, a série que mostrou os desafios da família humana para viver em equilíbrio com o planeta Terra termina no Brasil. No último episódio, Sônia Bridi e Paulo Zero acompanharam 24 horas na cidade mais superlotada do país: São Paulo. Quanto consome de recursos naturais e quanto desperdiça a maior metrópole do Brasil.

Em um mundo de concreto, um resumo do Brasil. A megacidade acolhe mais de 11 milhões. Metrópole de migrantes e imigrantes, construída de esperança. O maior espelho do Brasil que dá certo. E o retrato dos nossos fracassos. São Paulo é uma cidade insustentável? O caminhoneiro Ivan Vieira virou a noite na estrada. Direto de uma fazenda em Minas Gerais, leva um ingrediente sem o qual São Paulo não passa: tomate italiano.

O dia amanhece e o tempo aperta. “Nós temos uma programação para chegar em São Paulo, em razão do trânsito, da restrição de veículos”, conta o motorista. A cidade faz rodízio de placas. Agora proíbe caminhões na hora de pico. Mas quando estrada vira rua e avenida, o mundão chamado São Paulo fica pequeno, travado. Os congestionamentos são contados em centenas de quilômetros.

No continente, não há mercado maior do que a Ceagesp e nem tão ativo. A Ceagesp é a porta pela qual entra em São Paulo tudo que é de bom e do melhor produzido no Brasil inteiro. Nem tudo o que passa pelo local fica na cidade, mas, ao final de 24 horas, o movimento do entreposto e o consumo de São Paulo se igualam: 10 mil toneladas de comida em 24 horas. A Ceagesp nunca fecha. “Tudo acontece em 24h por dia. As pessoas não param de se alimentar, não param de comer, não param de se divertir”, diz o dono de uma distribuidora de alimentos Enoir Oliveira.

Ivan mal descarregou os tomates e eles já estão sendo selecionados, preparados para exibição e negociados. São Paulo é a cidade do atacado e a capital do varejo. Quando os 80 shopping centers abrem as portas, o tomate já encontra seu destino. O molho para massas que já não é mais italiano, é paulistano. É o favorito na cidade que come fora. Em 12,5 mil restaurantes, consome 1,7 milhão de refeições por dia. “Os brasileiros, de modo geral, administram mal a comida. A estimativa é de que 30% da comida que entra em uma casa são perdidos”, contabiliza o presidente do Instituto Akatu, Helio Mattar.

Vai para o lixo porque as sobras não são utilizadas e por causa das compras mal planejadas, os alimentos estragam antes de serem preparados. Comida é só um dos desperdícios de São Paulo, que produz 18 mil toneladas de lixo por dia, tanto que não tem mais onde pôr. O lixo coletado vai para uma estação onde é transferido para caminhões maiores e levado para aterros em outros municípios. Menos de 2% são reciclados oficialmente. “As cidades contemporâneas, em geral, geram muito lixo”, diz Mattar.

Um deles é invisível. O lixo tóxico jogado pelas descargas de automóveis, caminhões e ônibus chega a 550 toneladas por dia. Adriana Nunes Machado e Wellington Nunes de Oliveira almoçam no mesmo restaurante, mas não se conhecem. Ele desenvolve programas de computador. A tecnologia da informação é a nova indústria da cidade que vive se renovando. A Vila Olímpia concentra essas novas empresas exigindo cada vez mais prédios, mais infraestrutura. Aí entra Adriana, engenheira civil, coordenadora de uma obra ainda rara na região, com selo de construção sustentável. “Atualmente se pensa na sustentabilidade, que antes não era tão pensada. Hoje temos várias obras com certificação em que pensamos no reuso da água, na economia de energia”, conta Adriana.

Erguendo prédio, milhões constroem vida nova em São Paulo. “É uma cidade construída por nordestino. Tem gente da Bahia, do Piauí, do Maranhão, do Ceará, de Pernambuco”, constata José Augusto Soares. De peão a eletricitista, foram 20 anos para ele, já um paulistano. “Gosto daqui, adoro a rotina. Às vezes em que voltei para lá, senti falta daqui”, conta Soares.

O ritmo frenético que São Paulo impõe e a paradeira do trânsito criaram dois fenômenos paulistanos: os helicópteros – que vão e vêm levando quem pode pagar pelo tempo – e o motoboy – que leva a vida contra o tempo. Adalberto Pereira de Araújo sobrevive às estatísticas. Como os outros 200 mil motoboys da cidade, sabe que, no fim do dia, dois de seus colegas terão morrido no trânsito. É o que eles chamam de vida de cachorro louco.

Tudo o que é importante e urgente viaja sobre duas ruas. “A cidade está sempre mudando. É como se fosse um quebra-cabeça”, observa o motoboy. Uma peça é o aeroporto, que transporta quase 50 mil pessoas por dia em meio à massa urbana. Cidade dura, que faz questionar até a aspiração mais básica do ser humano: ter ou não um filho?

“Lá onde eu moro tem muita criança. Eu fico pensando: ‘Já está difícil para mim. Como vou pôr mais uma criança no mundo?’”, conta o eletricitista Soares, que mora no Jardim Felicidade, na Zona Sul. “Jardim Felicidade, mas de felicidade não tem nada. Não é tão belo quanto o nome, tem problema de água”, descreve Soares.

Água mal distribuída, mas não pouca. O consumo residencial é como se toda a água das Cataratas do Iguaçu fosse desviada durante 20 minutos para as torneiras da cidade. “A gente pode viver tão bem como vivemos usando um terço da água que utilizamos, facilmente. Sustentabilidade não é igual a sacrifício, ao contrário, é reduzir desperdício. Isso é bom para o orçamento doméstico”, garante o presidente do Instituto Akatu.

“Desperdiçamos tudo: água, alimento, a própria vegetação”, diz o motoboy Adalberto. Onde há bons prédios, casas confortáveis, tem árvores. Mas as comunidades pobres são uma massa de concreto sem árvore, nem pracinha, nem espaço para criança brincar. No município, há apenas metade da área verde recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

O Censo identificou em São Paulo 900 mil moradias em comunidades pobres, favelas, ocupações e cortiços. São quase 2 milhões de pessoas vivendo em condições muito precárias na cidade mais rica da América Latina. “Eu tenho o sonho de morar em uma rua, ter um endereço, ter uma casa com portão, com número, onde o carteiro chegue e deixe a correspondência”, revela José Augusto.

Adalberto tem endereço, a 35 quilômetros do Centro. Quase uma zona rural dentro de São Paulo. “Eu acho São Paulo alegre e triste. Para mim, é meu sustento, minha alegria”, elogia o motoboy.

São Paulo é mega tudo. De cada R\$ 100 que circulam no Brasil, R\$ 12,5 estão na cidade. Em São Paulo, há a sensação de que não falta nada. “Você tem os melhores hotéis, os melhores hospitais. Você tem tudo de melhor em São Paulo”, descreve o analista de sistemas Wellington de Oliveira.

Não é necessariamente a qualidade de vida que bota pressão sobre os recursos naturais. São justamente as coisas que os paulistanos consideram insuportáveis que tornam a cidade insustentável. O trânsito e a falta de planejamento urbano. Se todo mundo inteiro vivesse como São Paulo, seriam necessários três planetas e meio.

“Já cheguei a pegar três horas. Eu moro a 12 quilômetros. Não é tão longe assim. Só que o horário é complicado. Mas também é assim: são 7 milhões de carros na cidade de São Paulo”, conta a engenheira Adriana. E a maioria com apenas o motorista a bordo. O carro, o indivíduo e a via crúcis da volta para casa. Tem carro demais porque tem metrô de menos: apenas 74 quilômetros de linhas contra 400 quilômetros de Londres, por exemplo. “Se não me engano, a gente fica um mês dentro do trânsito na cidade de São Paulo”, diz o analista Wellington. Ao todo, são 32 dias e meio, por ano, gastos no trânsito.

A cidade suga energia da rede. Das 18h às 22h, só as residências gastam 30% de tudo o que a usina de Itaipu produz. É quando São Paulo se volta para dentro de casa. A família paulistana se reúne.

Wellington tem um motivo especial para querer chegar. Fernanda, com duas semanas de vida, concentra a atenção e as expectativas da família. Faz querer construir outra cidade. “Eu falo uma cidade mais justa, acho que só o fato de a gente conseguir repartir

melhor tudo que a gente tem já seria mais compatível com o que eu espero para a Fernanda e para a Bruna”, diz ele

E assim avança a humanidade, nos sonhos e ambições que depositamos em cada novo membro que se junta à família humana. Este é o Planeta Terra, lotação esgotada.